

ANO 7 | Nº 88 | NOVEMBRO/DEZEMBRO 2020

## TURISMO

A hora e a vez de desbravar o Brasil. Dicas de lugares e gastronomia

## GEORGINO AVELINO

Vida e obra desse potiguar que muitos conhecem por nome de município, mas que tem imensa importância para a história do RN e do Brasil

## PENÍNSULA IBÉRICA

Agende-se para quando viajar for novamente permitido

## QUE ÓRGULHO!

Sebrae do RN entre os 100 lugares incríveis para trabalhar em 2020

# Olha ela!

PARAIBANA EM TERRAS POTIGUARES, MILENA NEVES APROVEITA OS TEMPOS PANDÊMICOS PARA ACALMAR A ROTINA DA ADVOCACIA E ADERE AO MUNDO VIRTUAL, COM A LEVEZA DO LALARILAR EM DICAS DE ETIQUETA SOCIAL, MODA, CULTURA E MAIS. É A NOVA COLUNISTA DA BZZZ



**nos fez  
cooperar.**





Repensamos, nos solidarizamos,  
adaptamos, humanizamos,  
colaboramos. Contem com a gente  
para fazer acontecer no ano que está  
chegando. Boas festas e um 2021  
de renovação para todos nós.

***Em 2021, vamos  
prosperar juntos.***



# Tempo tempo tempo

O tempo passa. O tempo voa. A pandemia continua. E assim continuamos também em versão digital da Bzzz, mas disponível na maior plataforma de revistas digitais do Brasil, a GoRead, que soma mais de 80 milhões de downloads por mês. E vamos superando metas de acessos todo mês. Que bom! Muito obrigada a todos pela leitura.

Nesta edição reunimos na entrevista de capa beleza, elegância e inteligência. Conversei com nossa mais nova colaboradora: Milena Neves, a advogada paraibana que decidiu por um período sabático na profissão, em tempos de pandemia, e iniciou despretenciosamente um perfil no Instagram em que dicas de etiqueta social, casa, mesa, cinema etc estão no foco. O público continua surpreendendo, assim como a fama, e ela vai atraindo mais seguidores e acessos. Está bombando, digamos assim!

Um bate-papo com Milena é agradável surpresa. Àquela figura linda e alto astral do Lalarilar, seu perfil virtual, é tal na vida real. Cheia de simpatia. E inteligente. Jogue-se nessa conversa de quase comadres (risos). Nosso colaborador imortal, Ivan Lira de Carvalho, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, traz mais uma maravilhosa história de resgate de personalidades potiguares que muitas vezes ouvimos falar, porque dão nome a ruas, municípios, escolas etc, e normalmente desconhecemos o quanto importantes foram.

Assim ele nos conta sobre Georgino Avelino, nome de município que muitos conhecem pelas maravilhosas ostras frescas e seus camarões de viveiros. Posso dizer que fiquei impactada com o quão significativo foi para fatos históricos do jornalismo e da política, não apenas do Rio Grande do Norte, muito do Brasil. Sabrina Mahler recheia as nossas páginas com dicas de viagens e sabores por este Brasil bonito por natureza. Que beleza!

Na minha coluna, dicas para anotar e poder aproveitar quando viagens voltarem a ser permitidas entre países. E por uma ponte você poderá visitar de Portugal à Espanha, voltando à pré-história, passando pelas invasões romanas aos dias atuais. Que lugares! E Milena Nevez traz na sua coluna o charme dos chás. Jogue-se nessa colmeia de fartura em letras.

Boa leitura!  
Eliana Lima



**PUBLICAÇÃO:**

JEL COMUNICAÇÃO

**BZZZ ONLINE**

**ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**

[www.bznnoticias.com.br](http://www.bznnoticias.com.br)

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

**SUGESTÕES DE PAUTA,**

**CRÍTICAS E ELOGIOS**

[revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br](mailto:revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br)

**EDITORA**

ELIANA LIMA

[elianalima@portaldaabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldaabelhinha.com.br)

**PROJ. E DIAGRAMAÇÃO**

TERCEIRIZE EDITORA

[www.terceirize.com](http://www.terceirize.com)

**COMERCIAL**

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

**COLABORADORES**

IVAN LIRA DE CARVALHO, GILSON BEZERRA,

GEOVÁ RODRIGUES, SABRINA MAHLER

**CAPA**

CÍCERO OLIVEIRA



PREFEITURA DO  
**NATAL**

# A PANDEMIA AINDA **NÃO ACABOU.**

Por isso, nossos centros de atendimento  
**continuarão abertos.**

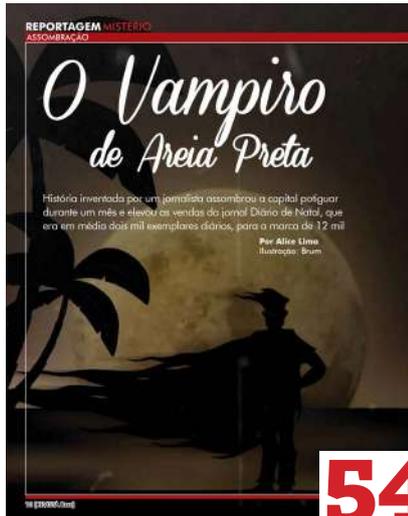
A Prefeitura do Natal irá manter os Centros de Atendimento para enfrentamento à Covid-19 em funcionamento até o final de dezembro.

-  **GINÁSIO NÉLIO DIAS (ZONA NORTE)**
-  **CEMURE (ZONA OESTE)**
-  **PALÁCIO DOS ESPORTES (PETRÓPOLIS)**

**• EVITE AGLOMERAÇÕES • CONTINUE USANDO MÁSCARA • HIGIENIZE AS MÃOS**



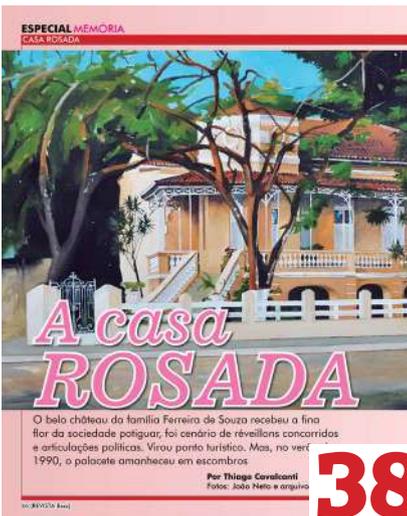
12



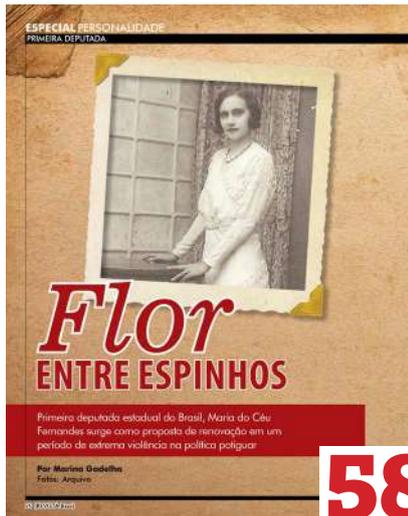
54



8 | AS LISBOETAS



38



58



26 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER



46



64

72 | FESTAS

74 | ARTIGO



**Unimed**   
Natal

ANS - nº 33559-2

100% POTIGUAR. 100% NO RN.  
*Seja potiguar de carteirinha você também*  
**Ligue 3220.6200**

CLIQUE AQUI  
*Seja Unimed Natal*

# **HIDRATE-SE** *sempre*

**Potiguar de carteirinha sabe curtir  
o verão numa boa**

**E, se precisar, estamos aqui para cuidar de você:**  
Teleconsulta • **APP** • Rede credenciada  
• **Médicos cooperados**





ELIANA LIMA

[elianalima@portaldabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldabelhinha.com.br)

## AGENDE-SE!

Para quando viajar for permitido novamente, atravessar o Atlântico e aproveitar para conhecer dois lugares próximos, mas em países diferentes, cheios de história e belezas.

De um lado, jogue-se na alentejana Elvas, Portugal. Trata-se de um dos mais importantes postos fronteiriços e resposta à fortaleza espanhola de Badajoz. De acordo com a Unesco, Elvas é o maior sistema de fortificações abaluartadas do mundo, originalmente conquistada dos

mouros, em 1230, que resistiu bravamente aos ataques espanhóis. Lugar de culinária supimpa.

Atravesse a ponte e chegue a também bela e histórica Badajoz, já do lado da Espanha. Destino que remete à pré-história. Província que ostenta importantes complexos megalíticos e cavernícolas da Península Ibérica. Lugar de santuários rochosos, de arte rupestre. Descubra o lugar que pode ser onde habitantes da Atlântida se refugiaram quando cidade foi destruída.



Elvas



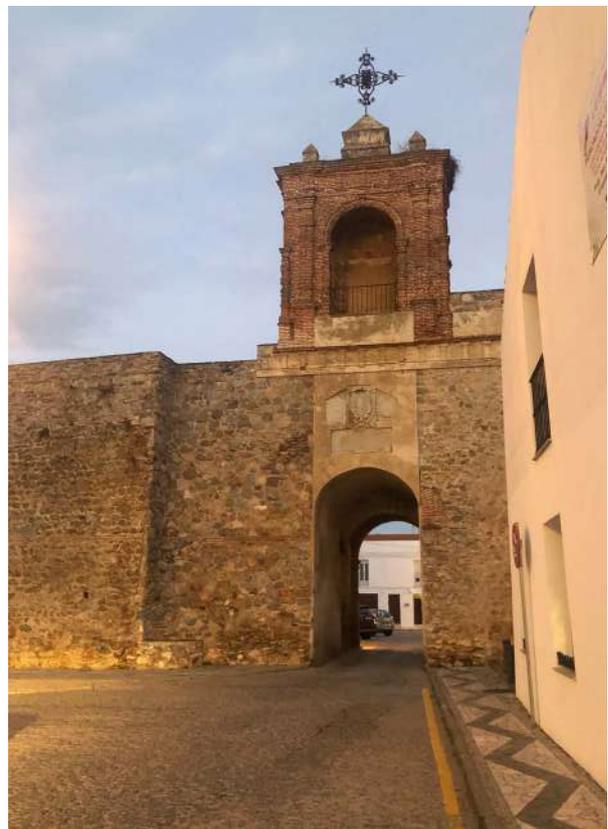
Badajoz

Ainda na província de Badajoz, visite a vila de Llerena. Que coisa linda! Também guarda vestígios pré-históricos, com zonas arqueológicas, dolmens, abrigos rochosos. Seu centro histórico é declarado Conjunto Histórico-Artístico.

Delicie-se com a culinária quente, como a Caldereta da Extremadura, os caldeirões de grão de bico com bacalhau e os Corações das Freiras de Llerena, deliciosos doces confeccionados no Convento da Clausura de Santa Clara.

Siga depois para Mérida, também às margens do Rio Guadiana, com raízes no início da ocupação romana na Península Ibérica, fundada por Octávio Augusto, em 25 a.C. Hoje Patrimônio da Humanidade pela Unesco, desde 1993. Conta com um impressionante circuito arquitetônico em forma de complexos de ruínas romanas e árabes.

Com um bilhete você pode visitar o conjunto do Anfiteatro e o Teatro, a Alcazaba, a Casa do Mitré, o Circo Romano, Fórum romano, com o Templo de Diana; o Centro Funerário dos Columbários, Aqueduto dos Milagres, a Cripta da Basílica de Santa Eulália.



Llerena



Castelo de Almourol





Mérida

## QUE Lindo!

De volta a Portugal, pegue estrada para a freguesia da Praia do Ribatejo, no concelho de Vila Nova da Barquinha, distrito da bela Santarém. Em pleno Rio Tejo, encante-se com o imponente Castelo de Almourol, de onde se chega de barco. A data da sua construção é desconhecida, mas acredita-se que a pequena ilha onde foi erguido remonta ao século I a.C., tempo em que, provavelmente, os romanos conquistaram o lugar.

A partir do século VIII a ilha foi ocupada pelos muçulmanos. Depois, tomada por D. Afonso Henriques e entregue aos Cavaleiros Templários, que ficaram responsáveis pela reconstrução, cravando características de fortificações templárias. O terramoto de 1755 que abalou o solo lusitano provocou diversos estragos na sua estrutura. Depois, sofreu alterações na arquitetura inicial. No Estado Novo foi residência oficial da República Portuguesa. Hoje é Monumento Nacional.



Teatro Romano



Mérida



**Ivan Lira de Carvalho**

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Juiz Federal e Professor da UFRN



Foto que Georgino Avelino ofereceu ao filho, adquirida por Leide Câmara no Rio Janeiro, que agora compõe o seu acervo

GEORGINO AVELINO

**Um cônsul**  
representando o RN

Nasceu em Angicos no ano da Lei Áurea, 1888, dia 31 de julho. De batismo e registro, teve o nome de José Georgino Alves e Sousa Avelino, filho de Maria das Neves e de Pedro Celestino da Costa Avelino. O pai era jornalista intuitivo e conduziu a família para Natal em busca de novos horizontes, onde de fato pôs a turma para estudar e fundou e dirigiu os noticiosos *A Gazeta do Comércio* e *Diário da Tarde*. Foi daí que o garoto Georgino mesclou as peraltices da infância com as tintas e letras da imprensa, identificando-se com os noticiosos e os veículos de ideias.

Na capital potiguar Avelino fez o estudo primário na Escola Modelo, seguindo para o Atheneu, onde cursou humanidades. No paralelo, a oratória e o jornalismo eram o seu deleite. O talento da argumentação verbal flamante não esperou o seu avanço cronológico para se desenvolver. Tanto que em 1906 já estava discursando nas exéquias de Elias Souto, um dos pioneiros do jornalismo potiguar. Tinha somente dezoito anos de idade e em uma exposição repleta de frases de efeito, adequadas ao epitáfio de um *doublé* de político com homem de imprensa, bradou: “A desgraça deu-nos agora um dos seus mais apertados abraços, golpeando-nos fundo o coração, com a perda deste insigne batalhador”. Encerrou assim: “Bemaventurados os que sofrem perseguições por amor da justiça porque delles é o reino dos

céos’. Dorme em paz, atleta do bem público!”.

Mudando-se para o Recife, ali fundou o jornal *A Pátria*, em 1910, adquirindo visibilidade para atuar em missões públicas, tanto que já em 1910 estava no Território Federal do Acre, administrando o Departamento do Juruá, sem descurar do bacharelado que fazia na Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, onde as aulas não eram presenciais, com diplomação em 1911. Canudo na mão e relações pessoais em alta, conseguiu o cargo de adido consular em Gênova, enseada onde fez curso de civilização antiga e arqueologia e onde também conheceu e casou com a italiana Maria Giovana Margherita Astengo, com quem teve cinco filhos (Pedro, Georgina, George, Fernando e Fernão). Esses penhores para o mundo diplomático o levaram a publicar, em janeiro de 1918, na Revista Americana, o interessante artigo “A nossa

Guerra (Seus fins políticos e seus efeitos sociais)”.

De volta ao Brasil e à militância na imprensa, apoiou a candidatura de Arthur Bernardes para a Presidência da República em 1922, com sucesso, o que lhe deu estímulo para participar das eleições de 1924, quando conquistou uma cadeira de Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte. Com a Revolução de 30, embora tenha apoiado o movimento liberal, não conseguiu muito espaço na gestão do seu Estado, sob a acusação de que não era confiável, já que mantinha relações cordiais com o governo decaído, de Washington Luiz. O desgosto o impulsionou a cerrar fileiras na oposição, tanto que lutou como voluntário na Revolução Constitucionalista de 1932, sendo derrotado e preso. Mas a arma da escrita continuou em ação, através de editorias que a sua afiada pena produzia para diversos jornais.



O Marechal Dutra assina o livro de posse na Presidência da República, sob o olhar conferente de Avelino

Não tardou, foi atraído de volta às hostes getulistas, para ocupar a secretaria geral da Universidade do Distrito Federal, de 1937 a 1941, época em que se afinou ainda mais com o grupo que daria sustentação política à transição do autoritarismo do Estado Novo para a democracia que soprava desde a Europa com a derrota dos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Isso lhe valeu a confiança de exercer a interventoria do Rio Grande do Norte, de 15 de agosto a 07 de novembro de 1945, voltando ao Rio de Janeiro a tempo de articular a estruturação de um partido conservador com traços sociais, ao lado de Agamenon Magalhães, Bar-

bosa Lima Sobrinho, Henrique Dodswoth, Amaral Peixoto, Benedito Valadares e outros próceres. Fina flor da fundação do Partido Social Democrático – PSD. Retornou ao RN para organizar a legenda na capital e no interior, visando neutralizar o discurso oposicionista que seguia embalado pela figura nacional do Brigadeiro Eduardo Gomes. Ao lado disso, abria caminhos para o apoio militar à transição, conforme escreveu Affonso Arinos: “Elementos civis democratas mantinham contatos indiretos com o ministro da Guerra e o seu colega, com aquele principalmente por intermédio do futuro senador pelo Rio Grande do Norte Georgino

Avelino, e com este por Juraci, Juarez [Távora] e alguns civis amigos: contatos através dos quais se iam conhecendo as disposições favoráveis dos altos comandos, no sentido da marcha ordenada e pacífica para a legalidade.”

Aberta as urnas de 2 de dezembro de 1945, estava eleito o pedesista Marechal Eurico Gaspar Dutra e pavimentado o terreno para Georgino disputar o mandato de Senador à Assembleia Nacional Constituinte que redigiu a carta política de 1946, ganhando uma das duas vagas da câmara alta, sendo a outra levada pelo udenista José Ferreira de Souza. O grande derrotado do pleito foi Dinarte Mariz, da UDN.



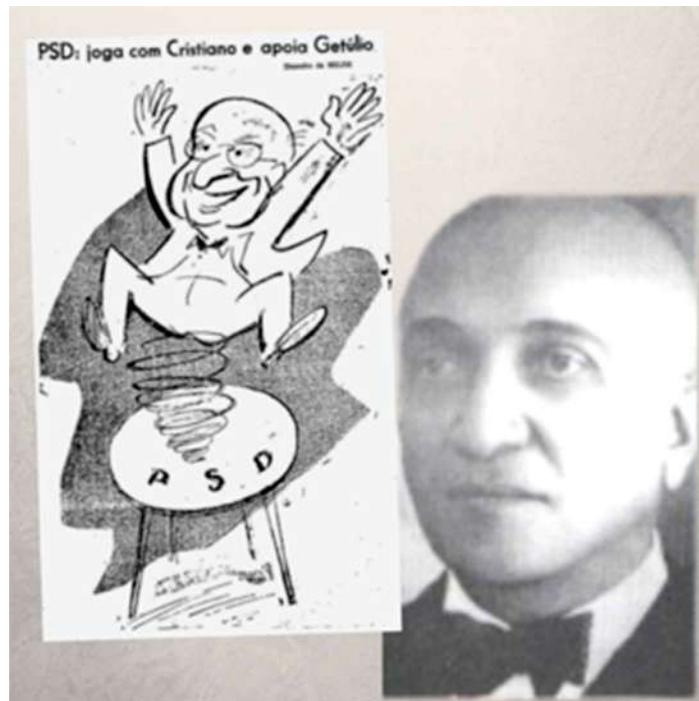
Georgino Avelino (o segundo, esquerda/direita) e outros fundadores do Clube dos Caiçaras, acompanhando o Presidente Getúlio Vargas na inauguração da piscina da agremiação. O lado high society do poder

Com Dutra no comando da nação, Georgino ampliou o seu prestígio nacionalmente, ao ponto de figurar ao lado do presidente na foto mais emblemática e divulgada da posse do Marechal, envergando uma casaca de lapela tão lustrosa quanto a sua careca. Na constituinte cuidou das pautas mais identificadas com o programa do seu partido e ocupou o destacado cargo de primeiro secretário da casa, sendo sob este título que está a sua assinatura no pórtico da Constituição democrática. A sua intimidade com o núcleo presidencial era tamanha que a si coube a tarefa de falar pelo parlamento quando do falecimento da esposa do Presidente, Dona Santinha. E sapecou uma retórica bem recortada para a funesta ocasião, confortando o dono da caneta: “O infausto acontecimento privou a sociedade brasileira de um dos seus mais nobres ornamentos. Dona Carmela enobreceu a sociedade pela inteligência e pela força militante da sua profunda fé católica” (Fonte: Agência Senado).

No exercício do mandato senatorial cometeu algumas proezas que ficaram para a história. Uma delas foi a sucessão do milionário João Câmara (PSD), eleito senador pelo Rio Grande do Norte em 1947, tendo por suplente Fernandes Dantas. A chapa derrotada foi composta por Juvenal Lamartine (UDN), com o suplente Kerginaldo Cavalcanti (PSP). Em 1949 João Câmara faleceu. A candidatura de Fernandes Dantas tinha sido invalidada pelo TSE. Diante da vacância inesperada, estando Georgino



**Kerginaldo Cavalcanti:**  
Senador empossado  
sem ter sido eleito.  
Peraltices políticas de  
Georgino



exercendo provisoriamente a presidência do Senado, aproveitou que Kerginaldo Cavalcanti estava em visita à casa parlamentar e o empossou na cadeira do morto, discretamente. Lamartine não reclamou, ninguém mugiu e a coisa ficou por isso mesmo! Kerginaldo Cavalcanti tirou o restante do mandato e ainda ganhou uma reeleição em 1950. A astúcia é lembrada por Sebastião Néri (Contraponto, Folha de S. Paulo, 23.02.1978).

Outra das suas artes na política foi tecer, a várias mãos, o acordo que uniu vertentes aparentemente inconciliáveis para a eleição de 1954 no Rio Grande do Norte (UDN, PSD e PSP), na estruturação de uma chapa que o consagraria para a reeleição no Senado, levando o udenista Dinarte Mariz para a outra vaga, já com o compromisso que este disputaria o Governo do Estado no ano seguinte, deixando o lugar para Reginaldo Fernandes, o suplente apresentado pelo PSP de Café Filho.

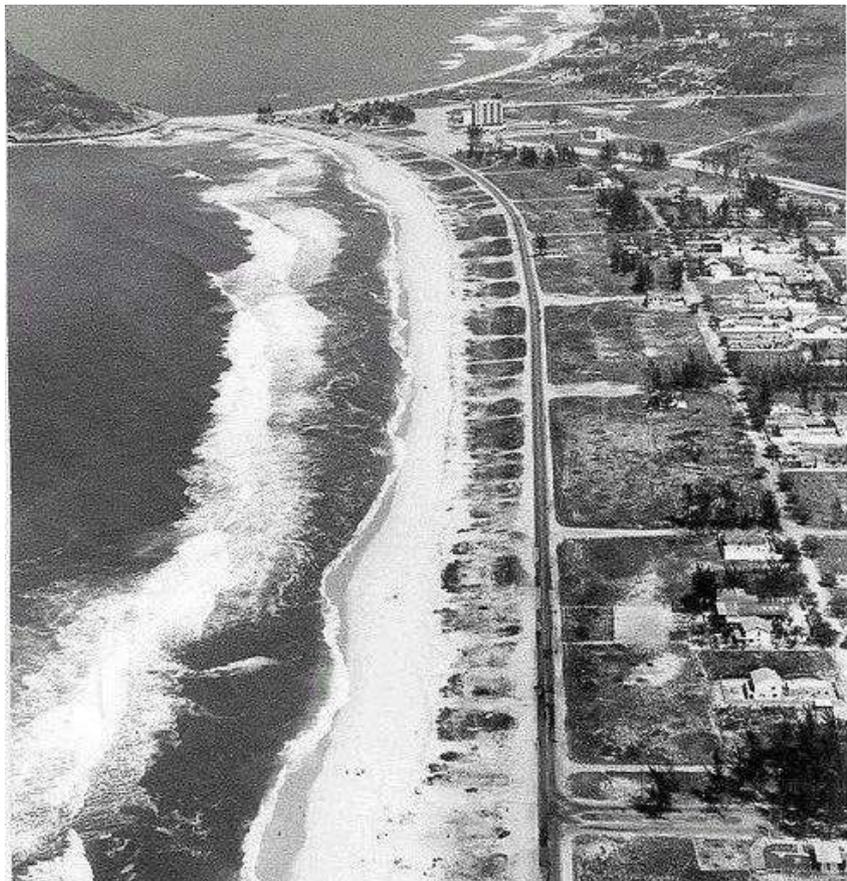
Na vida privada e social Georgino teve intensidade. Fleumático, além dos cargos públicos já citados, foi tabelião do segundo ofício da fazenda pública no Rio de Janeiro e Diretor de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal durante a gestão do seu compadre Dodsworth, de 1937 a 1941, inclusive comandando a Feira de Amostras da Capital Federal, celebrativa do cinquentenário da República, evento de grande sucesso, inclusive com repercussão turística para a Cidade Maravilhosa. No campo da comunicação social teve

larga atuação. Além da criação do noticioso *A Pátria*, já mencionado, foi redator de *O Paiz*, na capital da república, onde fundou e dirigiu com João do Rio o *Rio Jornal*, em 1918, além de colaborar com o *Diário Carioca* e a *Gazeta de Notícias*. Em Natal fundou a Rádio Cabugi, em 1954, confiando a presidência ao filho Pedro Avelino Neto. A emissora ainda continua no ar, mesmo tendo passado por outras mãos e ocupando outras frequências de transmissão, sob denominações também variantes.

Como empresário, Georgino Avelino foi particularmente vitorioso com presidente do Banco In-

dustrial Brasileiro, posto do qual teve a visão para financiar o loteamento Recreio dos Bandeirantes, a partir de 1954, impulsionando o crescimento urbanístico da capital carioca para a Zona Sul.

Vítima de câncer pulmonar, faleceu a 02 de abril de 1959, no Rio de Janeiro, onde está sepultado no Cemitério de São João Batista. Interrompeu, assim, o seu segundo mandato de Senador e a fulgurante carreira política e de empreendedor. A morte furtou uma pessoa que projetou qualitativamente o Rio Grande do Norte, sempre empenhado em conduzir benefícios para o seu Estado.



Recreio dos Bandeirantes, o planejado bairro litorâneo carioca que multiplicou a fortuna de Georgino Avelino, o financiador dos lotes através do seu Banco Industrial Brasileiro

Bom para seu  
**FUNCIONÁRIO,**  
Bom para sua  
**EMPRESA**



## VANTAGENS



ECONOMIA



AGILIDADE



SEGURANÇA



PRATICIDADE



LEGALIDADE

**FIQUE EM DIA COM  
A LEI n° 7.418/85.**



**EMPRESA  
LEGAL!**

INFORMAÇÕES: (84) 3026-8450

 [natalcard.com.br](http://natalcard.com.br)

  [natalcad](https://www.facebook.com/natalcad)

 **NatalCard**  
Tecnologia em nosso caminho



MILENA NEVES

[elianalima@portaldabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldabelhinha.com.br)

RITUAL

# A Tarde, a Casa e o Chá





**E**ste texto, carinhosamente escrito, requer um prólogo. Nele, preciso elucidar que não romantizarei os fatores tristes que nos levaram à necessidade de isolamento. Peço licença poética, entretanto, para falar sobre janelas de tempo que se abriram nas rotinas de quarentena.

E, num piscar, paramos. Cessaram as correrias no trânsito, o acordar às pressas, a sensação de que nossa casa era o trabalho, e que aquela estrutura onde escovávamos os dentes e dormíamos era uma passagem rápida, sempre com algo por fazer. Paramos, coagidos. Silenciamos, e nos vimos em casa.

Até já existia um certo costume de, eventualmente, me ver às nove ou dez da manhã ainda em casa. Sair para trabalhar mais tarde algum dia, tirar uma manhã em “off”... mas uma tarde em casa, um momento às quatro da tarde, naquela quietude típica vespertina, em casa, em dia útil, essa lembrança havia ficado na infância.

Há quem ame o nascer do sol. Eu amo a luz amenizando aos poucos naquele espaço de tempo entre as 14h e as 18h. Algo naquela luz me traz paz. Não falo do crepúsculo, mas das duas ou três horas que o antecedem. E, dentre as saudades da infância, uma certamente sempre foi ter as tardes em casa, como uma página prestes a ser

colorida com brincadeiras.

O home office, nesse contexto, me guiou a retomar um ritual vespertino que nem eu lembrava amar tanto: o chá.

Para os ingleses, ele carrega protocolos. Para os japoneses, é ritual, e significa serenidade, harmonia, pureza e respeito pela natureza. Traz regras estéticas limpas, e atrela-se a uma quase meditação.

Para nós, brasileiros, o ritual está muito mais ligado àquela paradinha gostosa para um café coado com bolo caseiro, com a memória afetiva levando direto para a casa da avó ou tia amada.

E por que chá e não café? O café acelera, o chá acalma. O café é prático, o chá te obriga a parar. A escolha do tipo, o cheirinho nas caixinhas se abrindo, esperar a água ferver, de preferência numa chaleira daquelas que apitam (sim, barulho de chaleira é barulho de infância). O chá te segura em ritual, mesmo que você nem perceba. É tomado lentamente, degustado, e tem histórias de cura cravadas na memória. E curam mesmo, desde enxaqueca, até coração partido.

Esse texto lento e divagador está em ritmo de chá, e quer propor a experiência do ritual caseiro, com a luz gostosa do entardecer, no silêncio da sua casa, afagando mente e alma.

## VAMOS A ALGUMAS DIREÇÕES:

Façamos como os japoneses, e cuidemos da estética, afinal, não é uma bebida, mas um ritual completo. Uma bandeja carinhosamente preparada, para si ou para quem se ama, com bule, xícara, uma flor de casa. Sem disposição para a bandeja? Pega aquela caneca preferida, que já te conta uma história, ou a xícara antiga de sua mãe ou avó que existe em peça única na sua casa.

Mel para adoçar fará o perfume que se espalhou pela casa ser ainda melhor. Esse perfume se alastrando naquela luz....

Um pouco de leite frio, bem à inglesa, deixará a bebida ainda mais reconfortante. Sou adepta! Para não tirar propriedades da planta, uso leites vegetais, tão delicados e gostos quanto o momento;

Silencie. Um chá consigo mesmo combina no máximo com uma música tranquila e baixinha. Olhe para dentro. Respire.

Imerso no perfume da bebida, absorva a luz do entardecer, e entenda a mensagem de calma que ela traz. Chás combinam com tardes, e tardes combinam com lar.



## A CASA, A TARDE, O CHÁ...

### BONUS TRACK:

Aqui falamos do chá como um ritual bem seu, mas se quiser transformá-lo em evento, será a mais charmosa das ocasiões!

### REGRAS À INGLESA:

- Sirva entre as 15h e as 17h, mas não chame de chá da tarde, simplesmente de chá.
- Bules mais altos são para café, os mais baixos e “gordinhos” para chás a granel, que devem ficar ali imersos em água quente, e coados com utensílio próprio entre o bule e a xícara;
- A rainha não usaria saquinhos, mas nós estamos liberadas. Providencie mini salvas para os saquinhos irem após retirados da xícara. Nunca se bebe o chá com o saquinho lá dentro;
- Monte a mesa ou bandeja com as xícaras viradas para cima, alças para o lado direito na posição três horas, colher reta abaixo da alça;
- O pires só descola da mesa para acompanhar a xícara se você for ficar de pé ou se sua xícara precisar ser levantada para ser abastecida por outra pessoa da mesa;
- Mexa a xícara em movimentos de linha reta, de 12h para 6h, sem fazer redemoinhos;
- Descanse a colher atrás da xícara após usá-la. Não se bebe com a colher dentro da xícara;
- Não bata nem lamba a colher;
- Leite frio (animal ou vegetal), mel, creme e rodelas de limão podem ser adicionadas ao chá. Serve-se primeiro o chá, depois faz-se a adição. O leite combina mais com chás florais ou de frutas.
- Para acompanhar o chá, sirva o trio abaixo, que deve ser degustado nesta exata ordem: mini sanduíches (de pepino, de peito de peru, de patês) primeiro. Depois, biscoitinhos delicados, por último, doces;
- O dia está quente? Faça jarras de chá gelado, ou sirva garrafinhas de kombucha em um baldinho ou champanheira com gelo e flores.



FOTO: MORAES NETO





## EXEMPLAR

# Sebrae é eleito um dos 100 lugares incríveis para trabalhar em 2020

Fotos: Moraes Neto

O Sebrae do Rio Grande do Norte se destacou entre os ganhadores do “Prêmio FIA UOL - 100 Lugares Incríveis para trabalhar - 2020”, classificando-se em 4º lugar entre as empresas do mesmo porte que a instituição e em 23º lugar no ranking nacional, segundo pesquisa exclusiva da Fundação Instituto de Administração (FIA) e UOL, com mais de 150 mil trabalhadores brasileiros. A UOL é a empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet, cujo portal ocupa a terceira posição de sites mais visitados da Internet no Brasil.

Este é o quarto ano consecutivo que o Sebrae-RN se destaca no seleto grupo de melhores empresas para trabalhar no Brasil. O Prêmio “Lugares Incríveis para Trabalhar em 2020” selecionou 100 empresas com as melhores práticas de gestão de pessoas e clima organizacional do país. Enquadradas nas categorias por portes - pequeno, médio e

grande - as empresas selecionadas valorizam e estimulam suas equipes de colaboradores, visando atingir melhores níveis de qualidade, produtividade e satisfação dos clientes.

Nos anos de 2017, 2018 e 2019 o Sebrae-RN participou de duas pesquisas nacionais, consideradas as maiores pesquisas de gestão de pessoas do país. As pesquisas “150 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil” e as “45 Melhores Empresas para Começar a Carreira” são da renomada Revista Você S/A da Editora Abril, que realiza as sondagens em parceria com a FIA/USP.

Em 2017 o Sebrae-RN conquistou a 77ª posição no ranking nacional entre “150 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil”. No ano seguinte destacou-se em duas pesquisas distintas: as “150 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil” tendo avançado para a 42ª posição no concorrido ranking nacional e o 15º lugar entre as “45 Melhores

Empresas para Começar uma Carreira”, única pesquisa no mundo que avalia jovens entre 18 a 26 anos de idade em início de carreira profissional.

O diretor superintendente do Sebrae no Rio Grande do Norte, José Ferreira de Melo Neto, lembra que no início deste ano, a instituição foi inscrita nas duas

pesquisas da Você S/A, porém em meados de abril a pesquisa foi cancelada em virtude da pandemia do novo coronavírus. Quando em agosto passado a FIA/USP fez uma parceria com o UOL e lançou a pesquisa nacional para o “Prêmio FIA UOL – 100 Lugares Incríveis para Trabalhar 2020” a diretoria executiva solicitou à

Unidade de Gestão de Pessoas a inscrição do Sebrae-RN na pesquisa. “Mesmo com as adversidades da pandemia, resolvemos encarar o desafio e nos inscrevemos na pesquisa para sentir como estava o clima”, afirma Melo.

“Ficamos extremamente satisfeitos com os resultados da pesquisa FIA/UOL, porque mesmo



José Ferreira de Melo Neto, diretor superintendente do Sebrae no Rio Grande do Norte

---

---

num ano difícil, de muitos cortes de recursos e redução de despesas, que refletem no resultado, ficamos praticamente no mesmo patamar da pesquisa de 2019. Mais do que comemorar o feito, é importante analisar esses resultados para identificar aonde podemos melhorar e até mesmo aprimorar a gestão”, avalia o diretor.

Sobre a equipe de colaboradores que inclui 111 funcionários e 76 estagiários, distribuídos na sede em Natal e em sete escritórios regionais do interior do estado, Zeca Melo destacou que o Sebrae no Rio Grande do Norte conta com pessoas capacitadas e motivadas, conforme revelou a pesquisa. “Temos uma equipe de excelência, que faz com que essa Casa tenha uma ótima performance. Contamos com um programa de formação e pós-graduação, que é um sucesso. Muitos têm mestrado e doutorado. E o mais importante: são extremamente motivados, porque gostam do que fazem e acreditam no empreendedorismo e na livre iniciativa”, reconhece Melo.

O diretor do Sebrae-RN destacou que o trabalho dos colaboradores da instituição revela a excelente performance no atendimento aos empresários e empreendedores potiguares, cujos números passaram de 40 mil diferentes CNPJs para algo em torno de 45 mil empresas neste ano. Um grande feito do Sebrae-RN em 2020 foi a mobilização com a classe empresarial e política junto ao governo do estado para a votação e aprovação da Lei Geral das Micros e Pequenas Empresas, beneficiando algo em torno de 200 mil pequenos negócios dos mais diversos segmentos da economia em todo o estado.

No ano passado o Sebrae-RN participou novamente das duas pesquisas da Revista Você S/A, da Editora. A empresa se classificou

no grupo dos TOP 20 ficando em 19º lugar entre as “150 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil” e na 13ª posição na pesquisa das “45 Melhores Empresas para Começar uma Carreira”. E mais: conquistou o 1º lugar na categoria Educação entre todas as empresas pesquisadas no País. “Foi motivo de muita satisfação e orgulho para a nossa equipe de colaboradores”, comemora a gerente da Unidade de Gestão de Pessoas do Sebrae-RN, Simone Galvão.

A pesquisa da Fundação Instituto de Administração (FIA) e UOL segue a metodologia FIA Employee Experience (FEEEx), reconhecida e respeitada pela comunidade de RH do Brasil, que passa a avaliar além do Clima Organizacional (i-CO) e das práticas de Gestão de Pessoas (i-GP), um conjunto de indicadores de Liderança (i-LID) e de avaliação do CEO (i-CEO).

A divulgação das empresas premiadas e de conteúdos associados à pesquisa ficaram a cargo do UOL, o maior portal de conteúdo em português do mundo e que recebe mais de 100 milhões de visitantes únicos por mês. O “Prêmio FIA UOL - 100 Lugares Incríveis para Trabalhar” tem uma posição de destaque dentro do UOL Economia, permitindo o devido reconhecimento às empresas premiadas e a exposição para que o público leitor conheça mais sobre essas empresas e sobre todos os fatores que as tornam uma referência em qualidade no ambiente de trabalho.





**Sabrina Mahler**  
Chef-viajante





## VIAJANDO

# APROVEITE O BRASIL!

UM CARROSSEL DE RESTAURANTES E  
COMIDINHAS LOCAIS PAÍS AFORA

Fotos: Arquivo pessoal

**D**esde setembro comecei a viajar pelo Brasil a trabalho e em busca de entender o momento do turismo, o comportamento do turista, também fazer pesquisas gastronômicas e conversar com pessoas e Chefs locais.

Foram setes estados brasileiros, e deixo minhas dicas e sugestões para vocês. O turismo foi uma das

áreas mais afetadas pela pandemia e deixou inúmeros empresários, funcionários e profissionais liberais sem trabalho ou sem turistas para trabalhar. Mesmo com a reabertura, é um setor que sofre inúmeras restrições e que manter um cardápio extenso ou o mesmo serviço que tinha antes pode ter ficado inviável nesse momento.

## OLHA A REFLEXÃO AGORA!

Por isso eu falo muito sobre isso e trago esta reflexão para vocês: temos que reestudar e reescrever muitos destinos e pontos turísticos de certa forma! Pensem comigo.

Áquela dica Mara pode não estar mais aberta, aquele passeio que você leu não está sendo feito mais, o cardápio daquele restaurante mudou, a experiência que te indicaram ou que você gostaria não é mais a mesma. Então, ao viajar ou procurar uma dica, cheque a informação atual

ou ligue no local e se certifique para não ter frustrações ou expectativas frustradas!

Acho que um turismo consciente ajuda as comunidades e a população local, mas essa reflexão é complexa e demanda de inúmeros fatores nesse momento. Então, reforço, certifique-se de tudo antes.

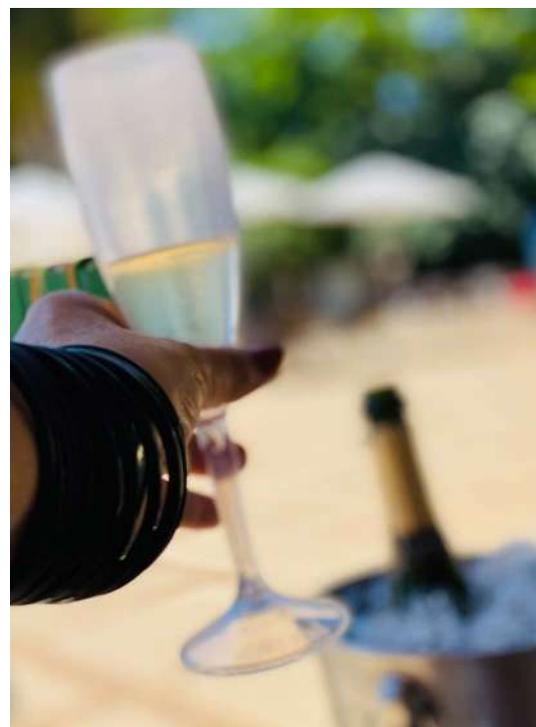
Então vamos a algumas cidades e minhas dicas atuais! Escolhi três destinos que me impactaram pela gastronomia.

## FOZ DO IGUAÇU

Estava impressionantemente vazia e aproveitamos para conhecer a parte árabe da cidade. Vocês sabiam que Foz do Iguaçu tem a maior comunidade árabe do Brasil? Tem restaurantes ma-

ravilhosos, mesquita, doceria. Optamos por conhecer o LE MIR e super recomendo.

Ficamos no Bourbon Cataratas e gostamos bastante também devido as atividades infantis e SPA.





## SALVADOR

Optei por ficar hospedada no Pelourinho e super indico a experiência. O local explode cultural!

Se quiser conversar, ver o estilo de vida baiano, ver pulsar a Bahia naquelas ruas, fique no Pelourinho! O hotel charmoso Casa do Amarelindo foi minha escolha e amei! O restante é bacana também e o quarto do hotel é bem completo com uma vista linda da Bahia de todos os santos!

Lá tive o imenso prazer de conhecer os restaurantes ORIGEM e ORI, com seu chef Fabrício Lemos. São propostas distintas e ambas espetaculares. O ORIGEM só serve menu

degustação, que pode ou não ser acompanhado de harmonização com vinhos. O sommelier é bastante atento e me sugeriu rótulos novos como a Vinícola Era dos Ventos, adorei a experiência! Reserve antes.

Já o ORI foi eleito entre os 50 melhores da América latina, pela The Worlds 50 Best Restaurants, e faz jus demais! Os pratos parecem quadros de lindos e mega deliciosos também. Amei o trabalho do Fabrício! Ainda mais pela história dele, toda a pesquisa que ele desenvolve, todo o trabalho de envolvimento comunitário que ele promove! Não deixe de visitar.





Rua 10 de Julho, 495 - Manaus, Amazonia - Brasil  
Instagram: @caxiri\_amazonia  
Facebook: @caxirimanau

## MANAUS

Eita Vviagem maravilhosa essa!! Manaus me surpreendeu como imaginei, e olha que não conheci nada! Digo nada porque fiquei apenas quatro dias, juntando passeio e trabalho e só fiz um passeio de barco rapidinho, mas não considero uma imersão, né?!

A expectativa sobre conhecer Manaus e seus ingredientes era surreal! Eu já tive contato várias vezes com os produtos amazônicos, mas nunca tinha ido na fonte e estava animadíssima!

Gente, que demais a diversidade brasileira! Cada estado com seus produtos e sabores tão distintos! Foque nos peixes! Os peixes amazônicos são ma-

ravilhosos! Tambaqui, Pirarucu, Tucunaré!

Minhas dicas de Manaus são duas experiências fantásticas! Olha quantas exclamações no meu texto, pois é, Manaus é assim, mistura Gastronomia e História com maestria.

Corra para o CAXIRI quando chegar, que restaurante fantástico! Comi lá dois dias e super recomendo. Comida regional indígena com inúmeros ingredientes, molhos e PANCS . A chef do local é Débora Shornik - @deb\_shornik, responsável também pela cozinha do hotel Mirante do Gavião, em Novo Airão, e apoia um projeto lindo, que recomenda a visita!

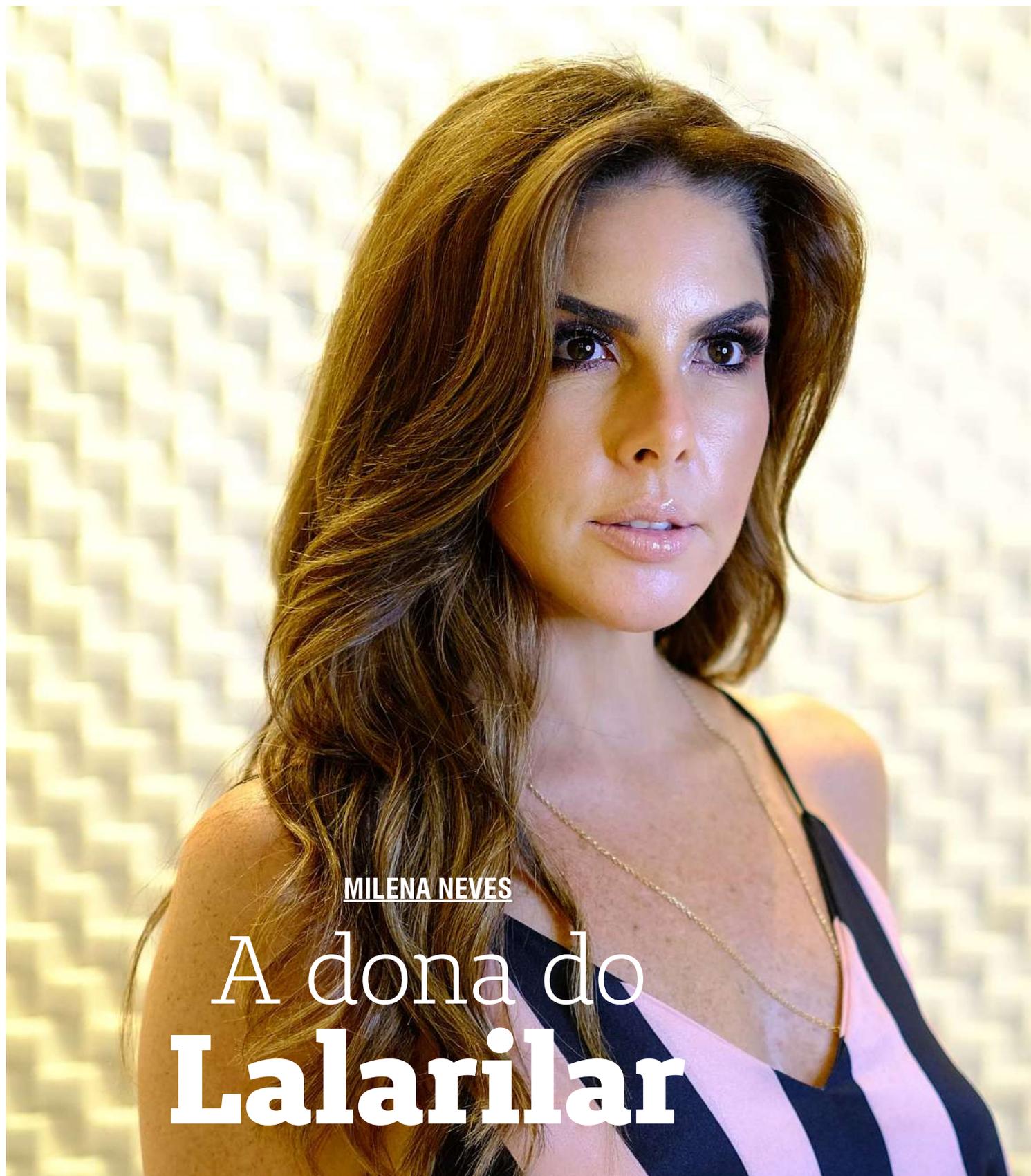
BIATUWI, casa de quinhapira é um restaurante experiência indígena que você tem que conhecer em Manaus.principalmente pela historia genuína que eles passam através da nossa comida de raiz, hábitos e utensílios. Você pode optar por ter uma consulta com o pagé também!

Em Manaus fiquei no Hotel Saint Paul, bem no centro e fiz tudo a pé.

Espero ter contribuído com com as dicas e informações sobre esses Destinos Brasileiros Maravilhosos e inspirado vocês a viajar mais e mais!

**Me sigam no Instagram que tem muito mais: @sabrinaamahler e @sabinainspira.**





**MILENA NEVES**

A dona do  
**Lalarilar**

---

---

TODA LINDA, MILENA NEVES REÚNE ADJETIVOS QUE TODA MULHER GOSTARIA DE OUVIR: BELA, INTELIGENTE, EDUCADA, GENTIL, ANTENADA, ELEGANTE, ADVOGADA... E AGORA INFLUENCIADORA DIGITAL. OS TEMPOS PANDÊMICOS DESPERTARAM NELA UNIR O ÚTIL AO AGRADÁVEL: VÍDEOS COM DICAS DE UMA VARIEDADES DE BONS COSTUMES. E PRAZERES! PARA SABER MAIS SOBRE ESSA QUERIDA QUE É A MAIS NOVA COLABORADORA DA BZZZ, ELA MERECE CAPA SIM, SENHOR!

---

Por Eliana Lima | Fotos: Cícero Oliveira

**A**té nome de realza ela tem: Milena de Vasconcelos Neves Augusto Lessa Laudaes. Essa paraibana de Campina Grande, 40 anos de idade “no RG”, mas “vinte e poucos na sensação”, como a mesma define-se, morou desde sempre na capital João Pessoa, com alguns períodos curtos fora de lá. E agora é moradora de Natal, de frente para o mar de Areia Preta. Bons ventos do amor a trouxeram, como nome e sobrenome: Fernando Lessa, seu, também belo, maridón.

A vinda para a capital dos magos-hospitaleiros foi em 2015, após o casamento – na também bela Pousada Toca da Coruja, em Pipa – como esse mineiro radicado em Natal há 15 anos. E olhe que Milena dizia que só deixaria Jampa se fosse para morar no Rio ou em Londres. “Tinha, inclusive, planos bem concretos para isso. Mas, em amores a distância, no final alguém tem que ceder. Vim para Natal por amor, e aqui construímos nossa família e nosso lar. Pertinho do mar, como amo, para estar sempre inspirada e em paz”, desmancha-se.

Estudar é o seu forte. E cursou Direito com o objetivo de advogar, inspirada “lá atrás, por uma cena de filme”. O que ela

conta pormenores: “Advoguei intensamente por 14 anos, com sangue de advocacia de vida real nas veias. Os momentos cena de filme são bem raros. Sonhava, há uns quatro anos, em dar uma pausa no direito. Desacelerar um pouco. Com o começo da pandemia e àquela “leve pirada” que todo mundo deu, tomei coragem. Negocieei a saída do escritório do qual fui sócia fundadora, e parei. Entrei em período sabático. Dessa parada, nasceu o Lalarilar, bem despretensiosamente”.

Assim, depois de 16 anos de advocacia, ela agora deixa a vida mais leve com o seu projeto que começou no Instagram: o perfil Lalarilar. Explica: “Eu sempre amei tudo relacionado a casa. Para além disso, sempre fui fascinada pelo algo a mais que faz uma casa (estrutura física) se transformar em um LAR, construção afetiva. Quando entrei em sabático, passei a ter tempo de curtir a minha casa, vivê-la com tranquilidade. Antes vivia numa correria que me mantinha poucas horas por dia em casa. Com tempo de viver o meu lar, a vontade de dividir os meus gostos e experiências cresceu. O Lalarilar nasceu como uma brincadeira, depois virou um teste, e hoje encaro como minha nova empresa”.

**Bzzz** - Você sempre gostou de etiqueta social?

**Milena Neves** - A etiqueta social não era o foco principal do Lalarilar, mas eu sempre gostei sim. Acredito que a etiqueta nos dá segurança e liberdade de entrar e sair de qualquer situação, desde a mais coloquial até as corporativas. Eu havia feito um curso na adolescência, e já colecionava, sem atinar, livros célebres sobre o assunto. Um dia, procurando um quadro “diferente” para inserir no Lalarilar, olhei para um deles na estante. Era o “Na sala com Danuza”. Amo Danuza! Gravei o primeiro vídeo do quadro “Etiqueta Lalarilar” ensinando em 30 segundos e bem levemente a usar o guardanapo de tecido. O vídeo viralizou. Entendi que ali havia um universo a explorar. As boas maneiras foram despertadas nela desde criança. “Sempre tive fascinação por pessoas elegantes e seguras. Observava, registrava e repetia. Fosse em casa, fosse na rua, fosse nos filmes”.

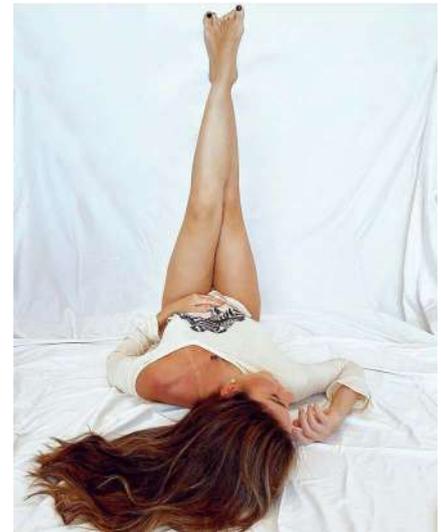
**Bzzz** - Bateu minha curiosidade de saber por que ela escolheu a pousada de charme Toca da Coruja para se casar – nem em Natal, nem em João Pessoa. Pois bem, eis o motivo:

**MN** - Não escolhi a Toca para casar na praia, mas num jardim (sou louca por eles), e a Toca tem o mais lindo. Henrique, falecido dono da Toca, junto com Elson Júnior, do Antiquário Época,

criaram um cenário sem igual. O contraste das peças nobres do Antiquário, que Júnior praticamente trasladou inteiro para a Toca, com a mata atlântica preservada por Henrique foi impactante. Nunca gostei das marcas registradas de casamento. Acaba ficando muito impessoal ou igual a



Cenas do casamento na Toca da Coruja. No meio da festa, o vestido longo deu vez a um curtíssimo



Gravações para o Lalarilar com o marido Fernando Lessa

tudo. Os bolos sempre me apavoraram! Encomendei a uma amiga confeitadeira uma mesa de doces sem cara de casamento. Ela criou torres de bombas francesas, bolos com carinho de caseiros decorados com flores da Toca, doces bucólicos, tudo imerso naquele jardim. O vestido também foi feito por uma amiga, que NÃO trabalhava com noivas. Minha cabeça foi feita com um pedaço de renda presente de outra amiga, herança da mãe dela. Acho que o segredo foi seguir as regras do “anti-festa de casamento” (risos). No mais, queria todo mundo dançando a noite toda. Cuidei de não sair da pista um minuto, e assim aconteceu. Dj, banda de Rock, só gente íntima e amada. Teve uma energia que nem sei explicar! Gratidão também a Gracinha Ferreira, que não estava mais fazendo festas do tipo e entrou na dança, arrasando com o menu!

E pense num casal bonito! Daqueles de capa de revista. De tela de cinema. E onde e como se conheceram? Curiosa como sou, a pergunta não quis calar. E foi em pleno forró badalado, na festa que sacode todos os anos Campina Grande. E na noite de São João! “Foi um olho no olho no meio da multidão de um show. O olhar dele me prendeu. Era 2010. Tivemos um namoro rápido, e viramos amigões. Voltamos a namorar em 2013 e casamos em 2015”, conta com o conhecido brilho no olhar.

Mas, vamos voltar à outra beleza, à aquela que dizem que não se põe em mesa. Ora, pois, claro que se coloca. E Milena é apreciadora por demais. “Sou uma caçadora de belezas. Sim! Sempre se põe! O segredo é não padronizar nem estigmatizar beleza, e saber encontrá-la ou construí-la a partir de tudo e de todos”.

## VAMOS AGRA DE PERGUNTINHAS QUE MUITO TÊM VONTADE DE FAZER:

**Bzzz** - Sabores que se identificam?

**MN** - Queijo e mel.

Sushi e cerveja gelada (bem à brasileira kkkkkk).

Vinho branco e amigos na praia.

Vinho tinto e reflexões solitárias.

Cozinha barulhenta e família.

Chá e tardezinha.

**Bzzz** - Como fazer mais com menos?

**MN** - Com vontade real. Se você realmente quer fazer a beleza brotar, você se vira. Morei seis meses com Fernando em um flat sem nada. Só tinha uma louça branca bem sem graça e zero plantas. Eu decorava as mesas de jantar com meus lenços, descia no prédio e pegava flores do canteiro, acendia velas em copinhos e fixava com sal.... Cuidava de providenciar uma meia luz e ligava uma música gostosa no iPhone ou mesmo na TV. Era tão feliz como hoje!

**Bzzz** - Brega e chique combinam?

**MN** - O que é cada conceito é muito particular a cada olhar, não é? Tem o brega divertido, e me divirto com ele. Mas tem cafonices que enxergo e tenho horror! Sempre estão ligadas a ostentação e a modismos. Mas isso é minha visão. Alguém pode olhar para mim e me achar uma cafona, e não poderei argumentar. Cada um com seu prisma.

**Bzzz** - Qual a diferença entre serviços à francesa, à inglesa e americano?

**MN** - No à francesa, o Garçon vem pela esquerda com a travessa de comida e os talheres de serviço, o convidado se serve dessa travessa no prato que já está à mesa.

No à inglesa direto, o Garçon vem pela esquerda e serve ele mesmo da travessa para o prato do convidado. Ou, no indireto, retira esse prato e serve numa mesinha de apoio, o devolvendo pronto.

O americano atribuo ao serviço buffet, onde cada um se serve. Muito prático! Mas há quem chame de serviço americano o modo de servir “empratado” (sur assiette), onde os pratos já saem montados da cozinha para a mesa.

**Bzzz** - Qual ocasião pede formalidade e informalidade?

**MN** - Atualmente, acho que todas as ocasiões que não estejam ligadas a vieses corporativos ou governamentais pedem a informalidade. Mas, atenção: até a informalidade tem regras, só que elas servem para dar leveza e harmonia, e não para pesar o ambiente.

**Bzzz** - Com que roupa?

**MN** - A que exprima quem você é, te seja confortável física e psicologicamente, e te faça se sentir linda. Se você puder esquecer modismos, melhor ainda. E tentar casar a roupa com a ocasião é sinal de respeito para consigo e com os outros.

**Bzzz** - Festa em tempo de pandemia?

**MN** - Não é momento. Nos momentos de pico e proibição, de forma alguma! Em meses mais amenos que tivemos e ainda teremos, só em grupos minúsculos de menos de dez, e com todos os protocolos. E eu sequer daria conotação de festa, mas de encontro.

**Bzzz** - Com quantas louças se faz um bom momento?

**MN** - Com criatividade e vontade, até mesmo com nenhuma! Você pode bolar algo legal só com petiscos que dispensem louças, mini sanduíches, espetinhos, finger food... ou pode juntar peças soltas, mesmo que não tenha uma louça completa, misturar tudo, como bem fazem os franceses com suas relíquias.

**Bzzz** - Etiqueta de grife à mostra?

**MN** - Não gosto. Há raras exceções. Tenho peças com logo exposta, mas é preciso usar com moderação, contrastando com looks simples. Hi Low é a chave!

**Bzzz** - Roupas de grife são marcas de luxo e poder?

**MN** - Não. Valorizo imensamente marcas que produzem peças de qualidade, com conceito, e que acabam custando muito. Se amamos tais peças e compramos por ter a ver conosco, maravilha! Mas não são símbolos de poder. São, como tudo ligado a moda (e não a modismos), pequenas expressões de quem você é naquele contexto do look que você construiu. A peça não simboliza que você é poderoso. A construção completa do look passa uma mensagem de quem você quer apresentar, custe o look o que custar. Há looks caríssimos dos pés a cabeça que comunicam imagens horrendas! Ostentação é péssimo! Usar peças de luxo com sabedoria cai bem. Construir looks lindos com peças de custo baixo cai melhor ainda.

**Bzzz** - Quando menos é demais?

**MN** - Vario entre minimalismo e maximalismo com a maior facilidade. Menos é mais quando você usa o menos com inspiração de alma e tira dele o melhor.

**Bzzz** - Para receber informalmente sem errar:

**MN** - Uma mesa volante ou aparador montada ali do lado, com salada, torta salgada, petiscos, patês, pães, queijos e mel, e um pequeno bar. Todos os itens de serviço ali dispostos. Uma mesa clean para os convidados, montada com pelo menos um item lindo (flores do próprio jardim, uma vela ou uma escultura ao centro). Uma playlist em volume agradável. Cada um vai se servindo e a conversa fluindo. Nem precisa servir jantar/almoço. Num dado momento, inclua uma massa quentinha nessa mesa, sem retirar o restante das delícias, e avise a todos. Por fim, um doce, licor e cafezinho. O licor antes do cafezinho. Cafezinho amargo ou com açúcar mascavo.

**Bzzz** - Para receber na formalidade:

**MN** - A mesma receita acima, só que faça a mesa dos convidados mais elaborada, inclua alguns arranjos de flores e use louças e copos mais finos. Se preciso, alugue. Eu só recomendaria serviços à francesa e à inglesa em ocasiões onde houvesse um protocolo muito duro assim exigindo.

**Bzzz** - Festa temática:

**MN** - No carnaval eu adoro! Fora disso, os anfitriões devem ter muito charme e alegria para segurar.

**Bzzz** - Como produzir um bar em reunião para amigos:

**MN** - Você não precisa ter todas as bebidas do mundo. Um destilado, um fermentado e um suco estará de bom tamanho. Coloque itens diferentes como pauzinhos de canela, chás a granel, e mantenha todos os utensílios necessários à vista.

**Bzzz** - Distribuição de uso de talheres e taças:

**MN** - Garfos à esquerda, facas à direita, com o corte sempre para dentro. O final dos talheres alinha com o final do prato, que deve estar a um polegar do final da mesa. Acima do prato, só os talheres de sobremesa. Talheres de entrada por fora, de refeição por dentro. Colher de sopa ou entrada ao lado da faca.

Dúvidas? Vai lá no Lalarilar! :)

**Bzzz** - Ser chique é:

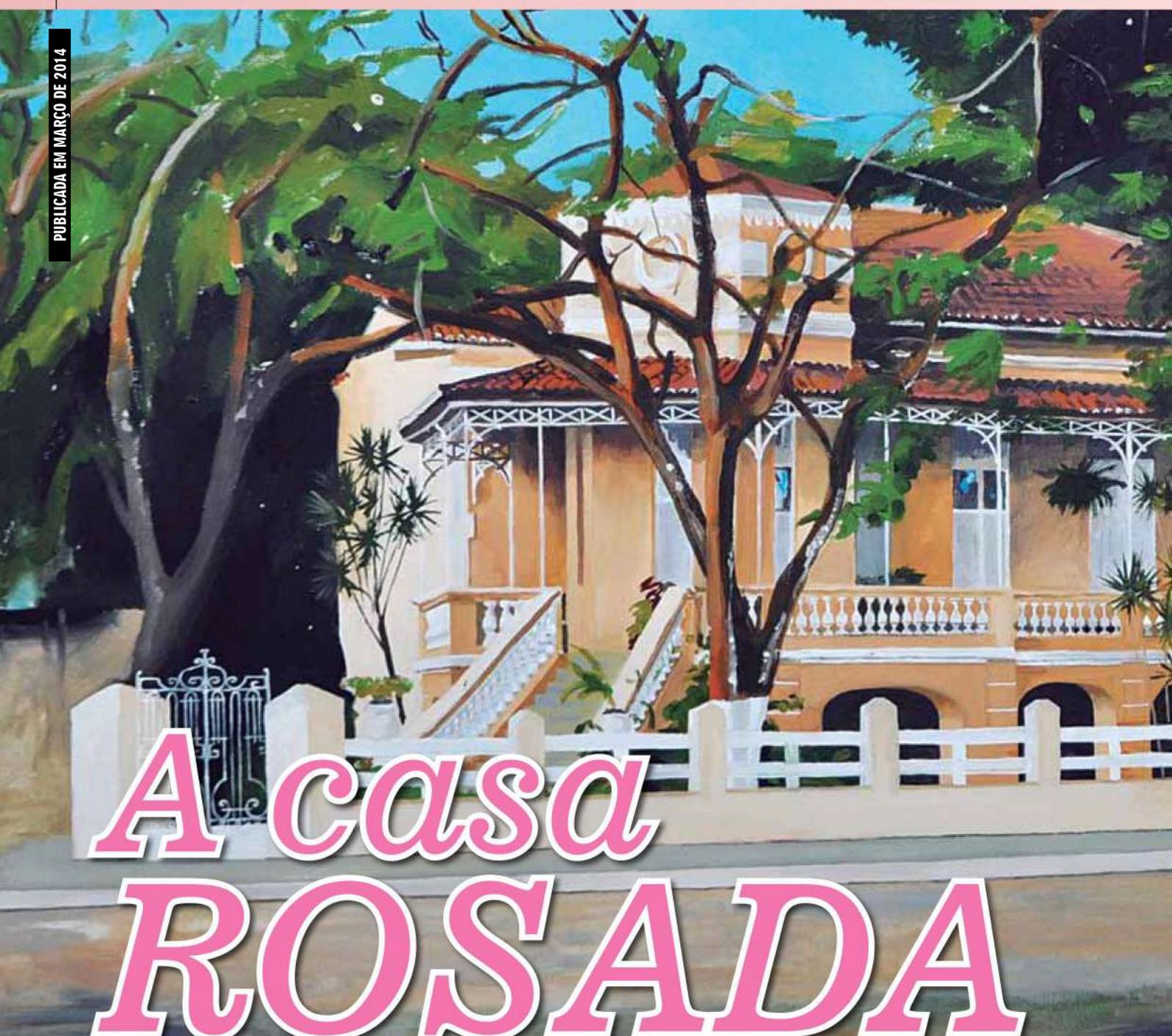
**MN** - Tem uma frase que amo: "A elegância é a arte de não se fazer notar, aliada ao sutil cuidado de se deixar distinguir." Paul Valery.

**Bzzz** - Exagerar:

**MN** - Na compaixão, na empatia, na gentileza, no amor, nas viagens.....

**Bzzz** - Dica pessoal:

**MN** - Saia da caixinha e esqueça modismos. Preocupe-se em criar atmosferas felizes ao receber, e não em ostentar.



# A casa ROSADA

O belo chateau da família Ferreira de Souza recebeu a fina flor da sociedade potiguar, foi cenário de réveillons concorridos e articulações políticas. Virou ponto turístico. Mas, no verão de 1990, o palacete amanheceu em escombros

**Por Thiago Cavalcanti**

Fotos: João Neto e arquivo da família

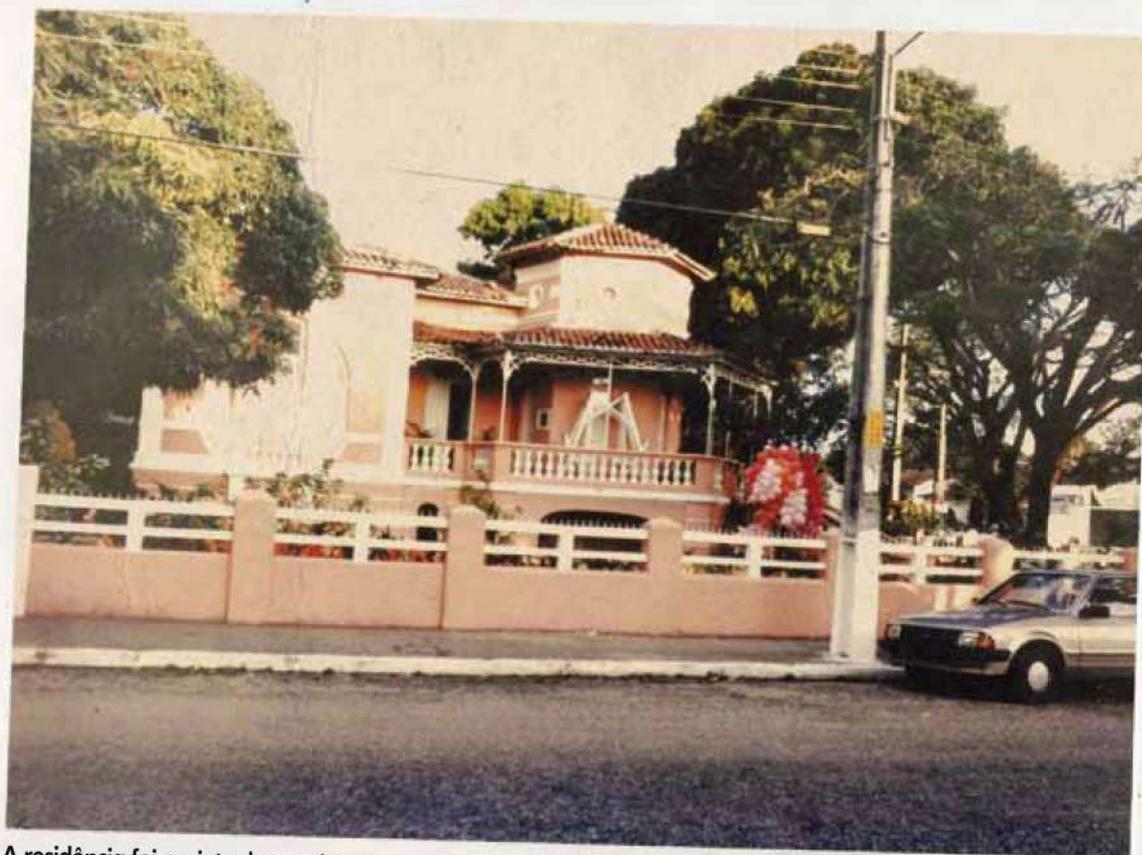


Obra do artista plástico Flávio Freitas, sobrinho neto de Antônio Ferreira de Souza, o dono do imóvel

**NUMA NATAL PROVINCIANA DO** começo da década de 20, o bacana era morar nos bairros da Ribeira, Petrópolis e Tirol. A cidade começava a crescer. A capital já era vista com outros olhos e as mudanças se faziam necessárias. O aumento populacional e o desenvolvimento nos setores de infraestrutura permitiram que a cidade adquirisse nova forma, privilegiando reformas que preconizavam a livre circulação, como a construção de largas avenidas, a arborização e a ampliação de praças. Para essa nova ordem foram importados os arquitetos italianos Antonio Polidrelli, Giacomo Palumbo (que organizou o plano diretor da cidade) e Leonardo Micucci (autor do projeto da prefeitura municipal). Os abonados da época aproveitaram a presença daqueles em solo potiguar e encomendaram suas residências.

O rico comerciante Cícero Franklin de Souza, pai do músico Oswaldo de Souza (1904-1995), queria uma casa suntuosa de frente para a bucólica Praça Pedro Velho (mais conhecida como Praça Cívica). Contratou o arquiteto Leonardo Micucci, que esboçou três plantas, sendo a terceira aprovada. O lindo palacete em estilo neoclássico foi concebido com o que havia de melhor, construído com arcadas, sem uso de cimento ou ferro, só a cal. O sistema empregado era o de arcadas de tijolos com cunha (técnica usada onde as paredes e pilastras eram bem firmes e grossas, tipo 60cm). Toda a madeira foi trazida do Pará. Outros materiais vieram da Europa, tudo supervisionado pelo comerciante. No final da década de 20, a luxuosa casa de nº 397 foi entregue. O endereço glamoroso ficava na confluência da Rua Potengi e a Avenida Prudente de Moraes.

Num terreno de 60mx60m, a casa, com inspirações nas residências europeias, era suspensa, sob um grande porão. Os cômodos, bem generosos, com destaque para a sala de música (as família de boa linhagem tinham uma sala exclusivamente para o piano), onde Oswaldo de Souza colocava em prática seus dotes artísticos. A casa circundada por vistosos jardins e um pomar virou a estrela maior entre as residências dos afortunados da pequena Natal.



A residência foi projeto do arquiteto italiano Leonardo Micucci

O comerciante e sua família moraram por muitos anos. Vendendo depois para o empresário mosoroense Júlio Maia, que por lá residiu pouco tempo. Este negociou o palacete ao agropecuarista Antônio Ferreira de Souza, recém-chegado da cidade de Santa Cruz, acompanhado da esposa Maria do Carmo e da filha Paula Francinetti. Os outros dois filhos, José e Antomar, estudavam fora. O clã instalou-se na casa que parecia saída de contos de fadas. Alguns anos se passaram e Dona Maria do Carmo começou a sofrer de surtos psicóticos. Internada diversas vezes em sanatórios na cidade do Recife, em Pernambuco, sua saúde começava a ficar cada dia mais frágil. Faleceu em casa no ano de 1958.

Com a perda da esposa, o chefe da família precisava de uma mulher para assumir o comando da casa. A escolhida foi sua irmã Nanita Ferreira de Souza, que

abdicou do sonho de ser freira para tomar conta do palacete e dos sobrinhos. O viúvo não casou mais. José se casou com Máisa Moura e tiveram cinco filhos (Ricardo, Marília, Gustavo, Cláudia e Leonardo); Antomar se uniu em matrimônio com Norma e tiveram três filhos (Adriana, Rodolfo e Rosana); e Paula com o agropecuarista Ruy Bezerra. Tiveram dois (Antônio José e Maria do Carmo), que, mesmo depois de casada, continuou morando com o pai e a tia.

O patriarca Antônio Ferreira de Souza e sua família se ausentaram do palacete durante alguns anos. Alugando para o serviço florestal, o extinto IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). Nesse período moraram na Cirolândia (reduto no bairro de Petrópolis). A saudade do antigo endereço foi mais forte e retornaram para o charmoso bangalô da Avenida Prudente Moraes.

Uma característica da residência era o grande número de visitantes que transitavam em seus salões. Os almoços em dias normais da semana recebiam em média quarenta pessoas, preparados pela fiel serviçal Venera. Antônio Ferreira de Souza era um homem muito respeitado na cidade. Políticos como Juvenal Lamartine, Aluizio Alves, Tarcísio Maia, João Câmara, Aristófanés Fernan-

des e outros eram presenças constantes em sua sala. O agropecuarista respirava política dia e noite. E assim seguiram seus irmãos. José foi deputado federal e senador; Gentil foi prefeito de Natal por duas vezes. Ajudou as campanhas dos sobrinhos Ezequiel e Iberê Ferreira de Souza para deputado estadual e deputado federal, respectivamente, tudo planejado em seus domínios.



Os irmãos Ferreira de Souza: João, Nanita, Lourival, Antônio, José (ao centro), Anita, Otacílio, Odorico e Gentil na sala do palacete

## Presença da Igreja

O clero também tinha lugar cativo na Casa Rosada (a cor predominante da fachada). Os monsenhores Expedito Sobral de Medeiros e Walfredo Gurgel participavam de todos os ritos da família; dom Nivaldo Monte era amigo pessoal e confidente do clã. Nanita Ferreira de Souza preparava um café da manhã especial aos domingos para receber os religiosos que tinha afinidade, entre eles o hoje arcebispo de Natal d. Jaime Vieira. A devoção pela igreja católica era outra marca dos moradores dessa épica construção.



O agropecuarista Antônio Ferreira de Souza realizou festas memoráveis na casa rosada

## Ponto turístico informal

O xodó dos netos era o porão da casa. Espaço onde tudo acontecia. “O porão tinha uma atmosfera lúdica. Eu e meus primos brincávamos bastante, nos escondíamos de vovô Antônio. Tivemos uma infância maravilhosa nessa casa”, resume a neta Marília Ferreira de Souza. O também neto médico Leonardo Ferreira relembra que por muitas vezes vários turistas passavam e pediam para tirar fotos de frente a casa ou conhecer o interior dela.

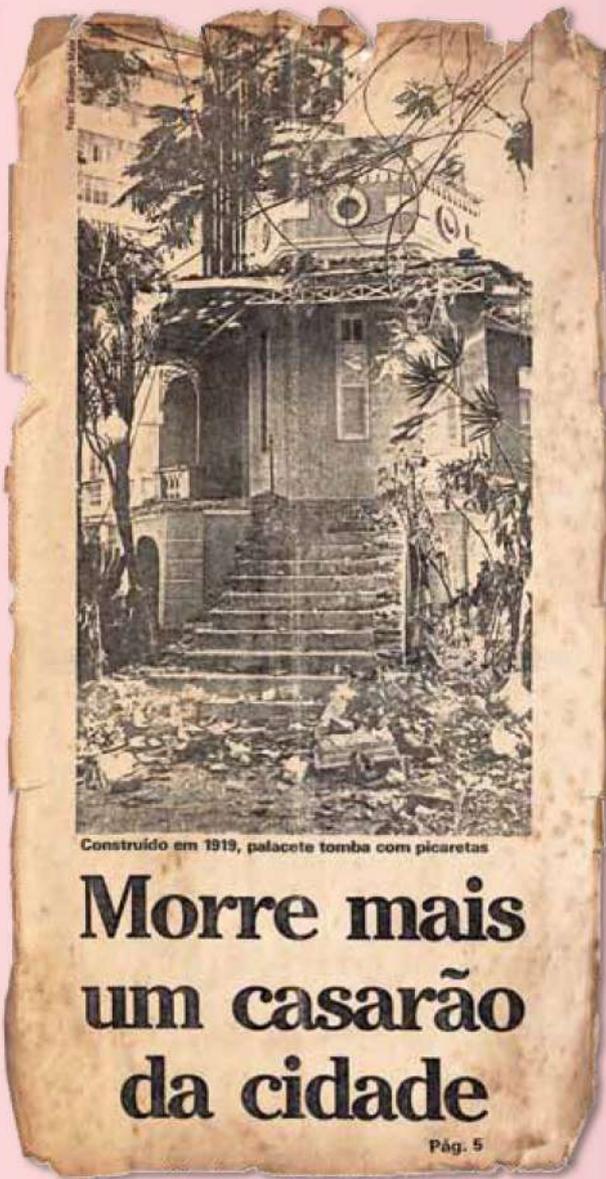
As festas são um capítulo à parte na história desse casario, de casamentos a festas de 15 anos, aniversários, vitórias políticas dos familiares e aliados. Eram verdadeiros acontecimentos na cidade. Antônio Ferreira de Souza era conhecido por gostar de festas. Quando completou 80 anos, mandou celebrar uma missa em seus jardins, cercado de toda família e muitas au-

toridades. Após a cerimônia, o repasto foi servido aos convidados e o aniversário entrou para a história da casa. Os réveillons eram bombásticos, a família, os amigos, os amigos dos amigos, todos eram bem-vindos. A Praça Pedro Velho parava para ver o lindo palacete receber a nata da sociedade e escutar muitos espocares dos melhores champagnes. Detalhe: os eventos nababescos eram custeados por ele, coisa rara hoje em dia, onde as grandes comemorações são de adesão.

No dia 6 de junho de 1981, a Casa Rosada silenciou. Morreu o patriarca, aos 83 anos. O luto tomou conta dos salões onde aconteceram eventos memoráveis. Continuaram a morar na residência a filha Paula e o marido Ruy Bezerra, a irmã Nani-ta Ferreira de Souza e a fiel empregada Venera.



Entrada principal do Château



Construído em 1919, palacete tomba com picaretas

# Morre mais um casarão da cidade

Pág. 5



5º - Siretto Ferreira, 02/102/190

Oito homens começaram ontem a destruição do palacete

## Especulação devora velho palacete da Natal antiga

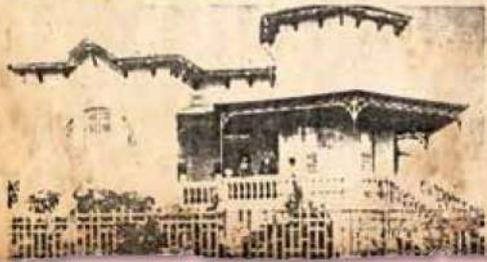
"A força da grana que ergue e destrói coisas belas" como traduziu o poeta Caetano nos versos em homenagem a São Paulo, ganha esteira no atual recatado processo de verticalização de Natal. É o progresso que está demolindo o velho e belo bangalô da família Ferreira de Souza na esquina da rua Putangi com a avenida Prudente de Moraes. A imponência da arquitetura do casarão desaparece para dar lugar a um moderno e sofisticado apart-hotel de seis andares.

Oito homens, ontem, demoliram o projeto do arquiteto italiano Miguel Micocci datado de 1919. A casa foi construída a pedido de Cleonir Franklin de Souza que queria uma construção dos bangalôs, "bicos" arquitetônicos em todo o País de então. Miguel Micocci, responsável pelo projeto arquitetônico, Prefeitura de Natal sempre no terreno e logo conseguiu a aprovação de Cleonir Franklin de Souza, pai do músico e compositor potiguar, Uvaldo de Souza.

O material utilizado na construção era todo de primeira, naquela ocasião que viria a ser o destaque na proximíssima Natal daquela época. As paredes mais pareciam uma fortaleza e todo o material restante como

madeira e adornos foi importado de Belém do Pará. Do projeto original somente havia sido mudado o telhado francês, semelhante a lâminas de alumínio. Seguiu o padrão das antigas construções, o bangalô tinha quatro quartos, salas amplas - de visitas, de música e de jantar. Na pequena torre funcionava o escritório. Uma copa, uma despensa, um banheiro, ampla cozinha, quarto de empregada.

Depois de abrigar os primeiros moradores, a casa foi vendida a Alípio Maia, de Mossoró que a reverteu aos Ferreira de Souza. A destruição da arquitetura do velho bangalô, que parecia lucifera ao progresso, é mais uma obra do progresso que traga a memória da cidade como quem usa um copo descartável. A preservação das construções antigas em Natal não existe. Talvez pelo tal argumento de que Natal, pelas suas pomposíssimas monumentos históricos, tem quantidade é uma cidade de espírito portuário, eternamente em construção. Contudo, resta o risco à proteção de que ali, onde existia um pouco de história, vai ser erguido um belo monumento da arquitetura moderna.



Destaque de "O Poti" de 1990, a derrubada do palacete

# Anoiteceu em pé, amanheceu em escombros

Os anos se passaram normalmente, até que um dia a família recebeu uma notícia que deixou todos aflitos. Começava um burburinho na cidade de que a casa seria tombada. Antomar e José Ferreira de Souza, herdeiros do imóvel, escutaram de fonte segura que a notificação já tinha saído do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). O pânico se instalou nos herdeiros e suas famílias. Se tombada, eles ficariam com



um elefante branco nas mãos. Várias reuniões foram realizadas para saber qual o destino dariam ao lindo chateau. E os três herdeiros - José, Antomar e Paula - decidiram por bem colocar abaixo o casario do início do século. Decisão difícil. Toda a demolição foi orquestrada da maneira mais discreta possível. No verão de janeiro de 1990, numa sexta à noite, a construtora EIT, do engenheiro José Nilson de Sá, começava a derrubar o histórico imóvel por dentro, para não chamar atenção. No domingo pela manhã, restavam apenas os escombros do belo palacete. O ponto da residência aticou a cobiça das construtoras, mas quem levou e negociou com os herdeiros foi o consórcio das construtoras Mendes Jr e EIT. A linda casa rosada que reinou absoluta por décadas no aristocrático bairro de Petrópolis deu lugar ao Potengi Flat.



A modernidade vendeu e o palacete deu lugar ao Potengi Flat, no bairro de Petrópolis

## As lembranças

Os três herdeiros do lindo chateau faleceram. José morreu em 5 de julho de 2003; Paula no dia 14 de agosto de 2008, e Antomar em 19 de dezembro de 2013. Para os familiares e frequentadores do imóvel, o sentimento será sempre saudosista, daquela Natal lúdica, onde as famílias se visitavam e não existia trânsito caótico.

“Meu avô tinha como lema a família. Nos almoços de domingo, fazia questão que estivessem todos os filhos, netos, irmãos e sobrinhos. Lembro que no dia 7 de setembro era uma festa para todos. Assistíamos aos desfiles de camarote da varanda da casa. Outra lembrança que tenho era o bolo de rolo de Venera, era imbatível, o melhor que já comi”, conta Gustavo Ferreira de Souza.

“Se fosse hoje, pensaríamos em outra opção para não derrubar a memória de nossa família que passou pela casa. Na hora do desespero não raciocinamos direito. Não ficamos com nada da casa que pudéssemos aproveitar em outro imóvel. Tudo era de primeira, o piso da casa era um sonho, da melhor madeira que existia. Foi uma época maravilhosa ao lado de meus pais, meu irmão, vovô Antônio, meus tios e primos. O muro era baixinho, as portas viviam abertas, não tinha violência, todo mundo se conhecia. Tempo bom que não volta mais”, resume a arquiteta Maria do Carmo Ferreira de Souza.



Os herdeiros José, Paula e Antomar Ferreira de Souza



Os últimos moradores do palacete, o casal Paula e Rui Bezerra



Ezequiel, Letícia, Dagraça e Augusto Carlos com o tio Antônio Ferreira de Souza



O patriarca Antônio Ferreira de Souza cercado pelos netos na festa dos seus 80 anos



# O CAPITÃO DO minério potiguar

Personagem lendário e cheio de causos, Raul Capitão ficou milionário do dia para a noite, criou uma onça, foi condenado a 26 anos de prisão por assassinato e conseguiu acabar com a fortuna, então, incalculável

Por Alice Lima  
Fotos: Arquivo



Da esquerda para direita:  
Severino Capitão  
(irmão de Raul), jornalistas  
americanos e Raul

### POUCOS PERSONAGENS DA FICÇÃO

têm tantas histórias quanto Raul Capitão. São passagens por várias áreas, desde a fortuna que surgiu em um passe de mágica com a mineração até os contos que mais parecem literatura de cordel, pelas características tão inusitadas e reconhecidamente nordestinas. São partes que compõem a biografia de um agricultor potiguar que se tornou um dos homens mais ricos da história do Rio Grande do Norte.

O capitão nasceu Raul Pereira da Silva. Filho de agricultores de Lajes, interior do Estado, aprendeu apenas a ler, escrever e fazer contas simples. O apelido que o identificou foi passado de geração em geração da família. É filho do segundo casamento de seu pai, Joaquim Capitão, que, por sua vez, casou com a cunhada quando ficou viúvo. A jovem foi ajudar a cuidar dos sobrinhos e “para que não ficasse falada” virou a esposa do dono da casa. Um dos irmãos de Raul foi cangaceiro do bando de Antônio Silvino, apelidado de “Rifle de Ouro”.

Raul cresceu em Lajes, casou com Maria Pereira Lopes e teve dez filhos frutos do matrimônio. Sobre o número total, há controvérsias. Seu neto Romero Capitão conta que o avô garantia ter 56 filhos, mas a família acredita que o cálculo não passava de uma brincadeira e, reconhecidos, são 15 herdeiros.

A família levava uma vida simples na cidade. Raul, famoso pela honestidade e avidez, tornou-se gerente da fazenda Amarante, que pertencia a Gonzaga Galvão, onde trabalhou por 18 anos. Foi nesse período que comprou a fazenda Bonfim, lugar do qual anos depois sairia toda a sua fortuna.



Casa da Fazenda Amarante, onde a família vivia antes da fortuna



Banquetas de extração da scheelita

## Da noite pro dia, a fortuna

A compra da Bonfim foi um golpe de sorte e fé no destino. Quando comprou a terra, Capitão, homem de grande segurança em seus atos e tino certo, acreditava nos rumores de que no local existia minério. Em uma de suas buscas – para muitos em vão – encontrou uma pedra diferente, no ano de 1967.

O homem do campo não pensou duas vezes. Desviou o dinheiro da feira da família e foi para Natal saber se existia algum valor na descoberta. Daí em diante, a ascensão financeira se deu na velocidade da luz.

A pedra era a scheelita, minério que dá liga ao ferro. Foi bem na época de descobertas de minérios nas cidades de Lajes e Currais Novos. Novos ricos surgiram, mas, segundo contam, nenhum ficou tão famoso quanto o ex-agricultor. Dizem que a média era de 45 toneladas do minério por semana que saíam de Lajes.

Ele passou a vender o minério para Alonso Bezerra, que era exportador. Ninguém da família consegue precisar quanto dinheiro Raul ganhou, uma fortuna incontável. Comprou muitas terras – todas potiguares –, construiu casas e cometeu diversas extravagâncias, sem limites de gastos. Para os filhos que quiseram estudar, patrocinou boas escolas e moradia na capital. Três meninas foram internas da Escola Doméstica e uma delas chegou a se graduar em Geologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e hoje é professora no Pará.

“Meu pai comprou tanta terra que era possível andar de Lajes a São Tomé passando apenas por propriedade dele, mas a relação com a família nunca mudou”, lembrou Maria de Fátima. A filha lembra, no entanto, que mantiveram os mesmos hábitos simples de outrora, continuaram no mesmo lar da Bonfim e com a casa no centro da cidade.

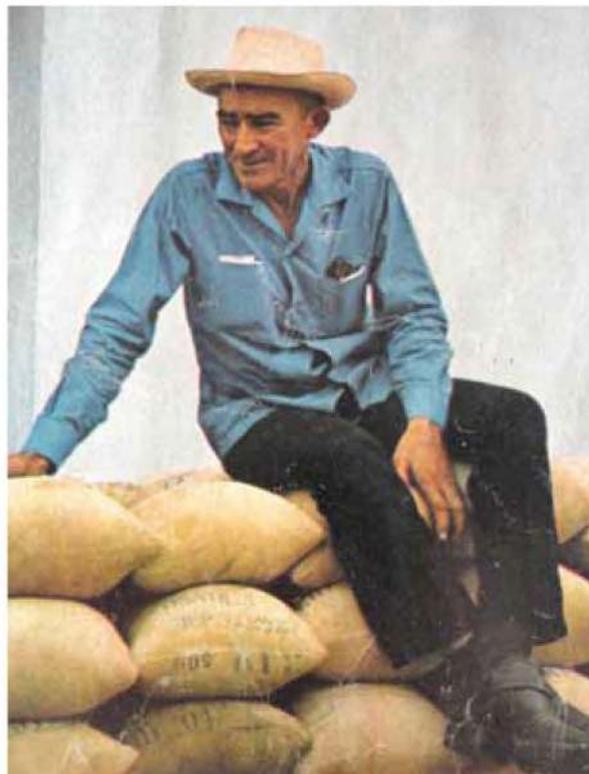
Embora com o bolso cheio, o jeito de se vestir e de se comportar conservou todas as marcas do passado pobre. Sempre andou com chapéu e um conjunto de calça e camisa de botão. O traje só mudava na hora do banho de açude, quando vestia uma bermuda e calçava os tênis “Conga”. Raul também continuou como um homem de poucas palavras e só se soltava quando bebia.



Raul Capitão acompanha mais um dia de garimpo na fazenda Bonfim

As casas construídas em Lajes são famosas pela resistência e pelo tamanho. Construídas para a eternidade. Chegou a ser residência de prefeito do município e até hoje são pontos de destaque na cidade.

A exploração da scheelita era feita em conjunto. Quem se interessasse pelo trabalho recebia uma banqueta e depois prestava contas. A hora do pagamento era um grande acontecimento. Chegavam sacas de dinheiro, que era distribuído na fazenda Bonfim, aos olhos de todos. Nada ficava para depois, tudo era pago imediatamente pela família. O sobrinho chamado Jalmir Pereira ajudava na contabilidade. A ida de uma agência do Bandern para a cidade teve ligação direta com Capitão. Tanto dinheiro brotava do município que ele merecia um banco. E assim se fez.



Raul costumava ficar sentado em cima dos sacos de scheelita. Aos 78 anos morreu após acabar com maior parte da fortuna, mas sem débitos financeiros



A fortuna gerada pela scheelita no RN atraiu a revista Realidade, de circulação nacional na década de 60. Raul foi o grande personagem da matéria e, com a sua personalidade forte, esclareceu até os "mandamentos do garimpo"

# Mitos x verdades

Pelos excessos que cometia, muitas histórias atribuídas a Raul não passam de lendas, de acordo com a família. Outras, que parecem lendas, garantem que são reais.



## A onça:

Dizem que Capitão criava uma onça para prender pessoas em sua jaula como castigo. Na verdade, ele era apaixonado por bichos. Um dia foi a um circo e viu três animais passando fome: uma onça, um urubu-rei e um veado. Não pensou duas vezes e levou-os para casa, onde foram cuidados até o fim. O felino, que não tinha nome, era o grande sucesso. Raul adaptou um automóvel e constantemente o levava para passear pela cidade. Não há registros de ninguém ferido pelo animal, que era considerado bastante manso, por incrível que pareça.

## Queimava dinheiro:

Falam que homem era tão rico que queimava dinheiro por brincadeira. Ele gostava muito do que a condição financeira poderia proporcionar de prazer na vida e não o desperdiçaria. Pelo contrário, aproveitou todas as notas com afinco. Os sacos, aos montes, eram vistos nos dias de pagamento, mas iam direto para os bolsos dos garimpeiros, aos sábados, além da sua própria conta bancária, claro.



## O pagador de contas:

Pelo menos uma de seus principais fomas segue à risca. Quando chegava aos bares e serestas, pagava a conta de todos os presentes e mandava o dono avisar: “A quem perguntar, diga que Raul Capitão já passou e pagou”. Não foi autor de obras sociais, de certo nem as conhecia, porém é famoso por pagar as contas, principalmente de alimentos, de pessoas pobres. “Tá com fome? Vá lá no mercado, compre comida e diga que o Capitão quem mandou”.



## Pavio curto:

Raul tem algo que lembra o famoso “Seu Lungá”. Curto e grosso. Em seu último lar, na granja da BR-304, ele gostava da mesa de jantar encostada à parede e sempre sentava na mesma cadeira. Todos os dias, na hora da refeição, pela aproximação, o braço batia na parede. Ao notar a cena repetitiva, um filho comentou que seria melhor afastar a mesa. Imediatamente, o patriarca respondeu: “Ninguém mexe na mesa, vou mandar abrir um buraco na parede”. No outro dia, estava lá o espaço mantido até hoje. História contada e comprovada pelo neto Romero.

## Exímio atirador:

O minerador atirava como ninguém. Mesmo nos últimos anos de vida, praticava o tiro ao alvo. Os netos garantem que ele pedia ao motorista para segurar uma espinha de peixe na boca e atirava certo, sem nunca ter errado aquele alvo.



## A atração pelo inusitado

Não sai da memória de Romero o gosto do avô pelo que surpreendia os sentidos. “Uma vez saímos atrás de uma feira em São Paulo do Potengi porque contaram ao meu avô que lá tinha um galo que pesava 5kg”, lembrou o neto. E era nossas horas que dinheiro para ele valia a pena. Pagava qualquer preço.

Outra história interessante que envolve seus gostos surpreendentes e a personalidade imediatista e firme aconteceu na compra de um quadro. Um dia, Raul chegou a um bar e viu o quadro de uma pantera na parede. Lembrou-se de seu bicho de estimação preferido – a onça sem nome – e quis levá-lo para casa, mas foi desafiado pelo dono do bar. O comerciante disse que o dinheiro do capitão não compraria a peça.

Foi aí que o ex-agricultor ficou “brabo”, como se diz no Nordeste, mandou abrir o banco e disse que tiraria o dinheiro “todinho, ficava liso”, mas queria o quadro. O resultado é que não se sabe quanto pagou, com certeza muito, mas botou a tela de gosto duvidoso debaixo do braço, o chapéu na cabeça e, como um troféu, o levou para casa. Hoje, é uma relíquia da família que, de fato, carrega um valor que transcende o material.

“Desafiar o meu avô chegava a ser engraçado, era a certeza de que ele faria algo para superar. Um dia cheguei mostrando que comprei um veado que andava com um macaquinho nas costas. Horas depois ele comprou um carneiro que carregava a carroça”, lembrou Romero. Raul tinha o hábito de chamar os próximos de “compadre”, mesmo que fossem os netos, filhos ou irmãos.

Também eram do rico minerador os melhores cavalos da região. Mané Aroeira e Tibimba ficaram famosos nas vaquejadas, num tempo em que os prêmios não passavam de troféus e do reconhecimento pela bravura do vaqueiro.

Raul soube da existência de oito bois treinados que montavam na carroça sozinhos. Onde eles foram parar, é fácil de imaginar. Na fazenda Bonfim.



Bode de raça rara chegou ao RN, direto de Fernando de Noronha, trazido por Raul Capitão em avião fretado

# As desgraças:

## alcoolismo, falência e condenação por assassinato

Para uma vida de excessos, as consequências às vezes tardam, mas aparecem. E com Raul não foi diferente. Em primeiro lugar, a saúde. A bebida o levou ao vício e o alcoolismo tomou conta por volta dos seus 55 anos. Começava a beber religiosamente às 10h e só parava às 17h, quando ia dormir. Nesse intervalo, deixava de fazer negócios e multiplicar a fortuna para ir ao bar. A bebida escolhida variava com o período. Passeava pelo vinho, cerveja e uísque, em uma lógica só dele. Pela personalidade forte, a família nunca ousou interferir, pois não adiantaria. Nesse ritmo, quando ficou mais velho, precisou enfrentar a vida com o mal de Parkinson.

Aliada ao mal da bebida, viu a schelita se desvalorizar e perdeu toda a produção de algodão da fazenda Ingá, na cidade de São Tomé. A “praga do bicudo”, besouro de origem africana, dizimou plantações do Rio Grande do Norte no início dos anos 80. Foi a derrocada financeira da família. Restaram terras e casas em Lajes, Natal e Paranamirim, mas o tempo da conta bancária sem limites dava adeus.

Por fim, o amor e o ciúme destruidores. Entre casos extraconjugais sem importância, Raul se apaixonou perdidamente por Valda, o que, de acordo com a família, foi a sua grande desgraça. O único período em que se afastou dos seus, pois ela morava em Natal. A ela, deu carro, casa e a paixão descontrolada.

Desconfiado de que a amante estaria com outro namorado, Raul saiu armado para matá-lo. O alvo era Ivan Cardoso de Carvalho, pai do deputado estadual Gustavo Carvalho (Pros-RN). Alcoolizado, ao chegar à cidade de Poço Branco, mirou naquele que considerava rival, mas atingiu o colega Paulinho Baé, que ficou entre os dois e morreu na hora.

Raul contou à família e se entregou à polícia poucos dias depois. Sempre assumiu a culpa, mesmo com orientações iniciais para que a atribuísse aos capangas. O destino do homem foi a Penitenciária João Chaves, hoje desativada, que ficou conhecida como “Caldeirão do Diabo”.

O desembargador aposentado Caio Alencar, na época promotor do caso, lembra o dia marcante do julgamento. “Foi um crime que despertou a curiosidade de muita gente. O júri estava completamente lotado. O advogado de defesa era Cortez Pereira e o juiz Sábato Barbosa”, recordou Alencar.

O réu foi condenado a 26 anos de prisão. “Na João Chaves, papai fez amizade com a família Carneiro e Joca de Sininha, mas ele não ficava na cela, vivia passeando, inclusive do lado de fora. Saía pra passar o final de semana na fazenda e acabou não voltando mais”, lembra a filha Maria de Fátima, que por um ano levou o café da manhã ao pai todos os dias. Reza a lenda que foi maltratado pelo famoso bandido à época chamado “Brinquedo do Cão”.

Foi com o crime que Raul terminou a fortuna. Saiu distribuindo o dinheiro com todos os que pudessem facilitar a sua saída da prisão, de forma oficial e às escondidas. Foi na chácara em Parnamirim, onde atualmente mora parte dos filhos, que ele passou os últimos dias, e não no presídio no qual deveria cumprir sua pena em regime fechado.

E, como as mortes mais poéticas, o homem lendário, que explorou a vida em todas as suas formas, morreu dormindo, aos 78 anos, sem alardes, cenas de barbárie ou de vingança as quais se esperam do fim de um preso condenado pela Justiça. Quem sabe é esse o último dos paradoxos de Raul Capitão, a lenda, que fugiu do padrão até no último adeus.



Maria de Fátima, uma das filhas de Raul Capitão



A esposa Maria, o filho Ernani e Raul

## A relação com a esposa...

Maria era daquelas mulheres típicas do interior de tempos passados, criadas para casar e ter filhos. Daquelas que as músicas de Chico Buarque descrevem bem: uma Amélia, que todo dia fazia tudo sempre igual. Foi uma grande companheira e tudo fez pelo seu Capitão. Não se deslumbrou com o dinheiro, cuidou dos filhos e teve uma vida triste, como lembra Maria de Fátima. “Mamãe morreu triste, vítima de câncer, aos 64 anos”.

Desde o surgimento de Valda, Raul e Maria viam apenas debaixo do mesmo teto, mas já não tinham relação de marido e mulher. Mesmo assim, os filhos lembram que ouviram uma discussão entre os dois. Apesar de tudo, o clima era de respeito e paz.

## ... e o destino de Valda

Procurada pela Revista Bzzz, Valda não quis falar sobre o assunto. Tornou-se evangélica e prefere não lembrar do que considera erros do passado. Para a família de Raul, as mágoas permaneceram e nunca quiseram contato com ela.

Após a condenação, Raul ainda continuou a encontrá-la, quando recebia suas visitas na prisão. Em uma das ocasiões, foi flagrada por duas das filhas-capitães e, por pouco, não protagonizaram cenas de agressão.

# O Vampiro de Areia Preta

História inventada por um jornalista assombrou a capital potiguar durante um mês e elevou as vendas do jornal Diário de Natal, que era em média dois mil exemplares diários, para a marca de 12 mil

Por Alice Lima  
Ilustração: Brum

**SE FOSSE CONTADA NOS** dias de hoje não precisaria ser cético para desacreditar, mas há cerca de 50 anos a cidade de Natal passou um mês sob o efeito de uma verdadeira assombração que atendia pelo nome de “Vampiro de Areia Preta”, bairro à beira-mar da capital do Rio Grande do Norte. Assustador, o bicho estranho rondava o lugar debaixo de uma capa respirando fogo e fazia correr de medo pessoas que encontrava nas ruas. Quem não consegue imaginar tamanha inocência da população, a figura inventada provocou tal temor ao ponto de se iniciar às 17h uma espécie de toque de recolher e não se via uma só pessoa pelas ruas.

O conto partiu da criatividade de um jornalista, dentro da redação do extinto impresso Diário de Natal. O profissional é o também poeta Sanderson Negreiros, que hoje tem 75 anos. À época, tratava-se de um jovem repórter que dava vida às famosas e lendárias páginas policiais do DN. Como suas matérias eram, fazendo uso de hipérbole, bastante criativas, ele andava tendo problemas com alguns personagens que as animavam. No auge dos cabarés da Ribeira, bairro antigo da cidade, os locais de vida noturna estavam constantemente envolvidos nas reportagens, com isso as ameaças de quem se sentia ofendido ao ter o nome ex-



Sanderson Negreiros

posto na imprensa eram constantes.

Foi nesse contexto que certo dia chegou um pedido para Sanderson, que hoje ele compartilha entre risadas: “Já que você anda muito criativo, invente uma história para a gente fechar o buraco do jornal de hoje (a edição do dia)”. E assim nasceu o vampiro, com todas as alegorias de uma assombração, e fez-se o pânico geral em uma provinciana Natal da década de 1960. Os dias passaram e a curiosidade de leitores explodia. A tiragem diária do jornal que era de dois mil exemplares passou para 12 mil, como em um passe de mágica. A sociedade passou a ligar para a redação e contar histórias de onde estaria o vampiro e muita gente jurava vê-lo constantemente nos lugares mais estranhos, para divertimento dos membros do jornal. Assim, o público que “via” o vampiro rendia as próximas matérias.

Do útil surgiu o agradável. Eram comuns namoros às escondidas entre moças “mal faladas” e soldados do Exército, Marinha e Aeronáutica, cujos encontros aconteciam em praças e esquinas. Um dos pontos era muito próximo à casa de Sanderson e gerava sempre barulho e movimentação indesejados pela vizinhança. Um dia, acendeu a luz da ideia para o repórter: “Publiquei uma matéria

falando que o vampiro foi visto em uma esquina da Avenida Deodoro da Fonseca, na cidade. No mesmo dia, o local ficou vazio e tranquilo como nunca”, conta o jornalista e poeta. As notícias também relatavam os hábitos do personagem que se escondia no Morro do Juruá, onde hoje é Mãe Luiza, como leitura de histórias em quadrinhos. “Meu personagem só corria atrás das pessoas, não atacava ninguém”, defendeu Sanderson. Mesmo assim, com a cidade tomada pelo medo, a polícia começou a caça incansável pelo ser que não se sabia imaginário. A Secretaria de Segurança do Estado pressionou dirigentes do jornal sobre o assunto.

O jornal concorrente, Tribuna do Norte, publicou uma matéria afirmando saber a identidade do monstro, que seria um poeta que morava na rua chamada Nilton Siqueira. O artista ficou furioso e foi até o DN, armado com uma faca peixeira, para acertar contas com aquele que

ele sabia ser o autor dos contos. Hoje a lembrança é motivo de gargalhadas, mas Sanderson ficou assustado quando aconteceu. Outra matéria da TN, feita pelo repórter Djair Dantas, dizia, de maneira irônica, que o vampiro poderia ser visto às 15h30 e às 20h no Cine Rio Grande – um dos cinemas da época – em um filme encenado por Boris Karloff, ator britânico que atuava em filmes de terror.

“

Meu personagem só corria atrás das pessoas, não atacava ninguém”.

Sanderson Negreiros

Um dia, na Praia do Meio – outra praia da cidade –, um jovem, brincando, usou uma manta como capa e saiu correndo. Policiais, em alerta, viram a cena, alcançaram o rapaz, que apanhou e foi preso. A ação gerou reação, hora de acabar com a brincadeira. A consciência pesou e Sanderson decidiu matar a sua criação. Chamou o jornalista Antônio Melo – que, segundo o criador, já posara para fotos de costas, dando vida à lenda – e fez imagens que ilustraram a despedida, estampada na capa com a manchete “Adeus Natal, não voltarei mais”.

## Pensando bem

Adequa-se ao caso o dito popular “nada se cria, tudo se copia”. Os mais céticos, certamente, desacreditariam, mas quem acha impensável que no longínquo 50 anos atrás acreditou-se em algo sobrenatural, basta levar para o contexto atual, onde mensagens e montagens compartilhadas por meio de mídias sociais e aplicativos para celular tornam-se verdade absoluta, causando problemas e caos semelhantes. Todos os dias, usuários criam fantásticos mundos e muitos acreditam e repassam, em larga escala de multiplicação. Histórias sem comprovação são vistas em uma criatividade sem limites. Além disso, são dias de pavores reais: de bandidos, drogas ou da própria polícia. Foi-se o tempo em que ter medo de vampiro era o grande problema da sociedade e, sobretudo, da segurança brasileira.



# Outros meios, outros fins

O jornalista Antônio de Melo, citado como o “dublê” do vampiro, conversou com a jornalista Nelly Carlos e citou alguns casos da história. Segundo ele, nunca posou como vampiro. No período, chegou a fazer uma matéria com um casal que parecia assustado e jurava ter visto o vampiro enquanto namorava na praia.

Sanderson resolveu “matar” sua criação, mas a polícia também decidiu dar um fim trágico à trama e, desse modo, prendeu o vampiro em flagrante e levou até o Diário de Natal. Tratava-se de um militar da Aeronáutica colocado na reserva por problemas mentais que, influenciado pelas matérias, resolveu dar uma de vampiro.



Antônio de Melo, jornalista





# FLOR

## ENTRE ESPINHOS

Primeira deputada estadual do Brasil, Maria do Céu Fernandes surge como proposta de renovação em um período de extrema violência na política potiguar

Por Marina Gadelha  
Fotos: Arquivo

**AMEAÇAS, MORTES E REPRESSÃO** marcaram a campanha eleitoral de 1934 no Rio Grande do Norte, onde a divisão radical entre duas vertentes políticas criava um cenário de tensão e medo. De um lado estavam os “pelabuchos”, apoiadores da Revolução de 1930, por meio da qual Getúlio Vargas assumiu a presidência da República; a oposição, por sua vez, era formada pelos “perrés”, membros do Partido Popular que, após a deposição do governador Juvenal Lamartine, representava a resistência da aristocracia rural diante da nova conjuntura política. Ninguém poderia imaginar, no entanto, que em meio a esse clima hostil surgiriam candidatura e eleição de uma figura feminina, corajosa, inteligente e com visão de mundo à frente da sua época: Maria do Céu Fernandes, a primeira deputada estadual do Brasil.

Nascida em 06 de novembro de 1910, na cidade de Currais Novos, região do Seridó, a jovem era filha de Olindina Cortez Pereira e Vivaldo Pereira de Araújo, comerciante e fazendeiro respeitado. “Esse homem era um autodidata, que conseguiu absorver toda a sua cultura através da leitura e influenciou a filha a ter sede de conhecimento. Por esse motivo, Maria do Céu se tornou uma mulher diferente”, afirma Genivaldo Barros, médico e professor universitário aposentado, ao lembrar momentos de sua infância no interior. De fato, a educação esteve sempre presente na vida de Maria do Céu, que frequentou a escola desde criança e, em 1924, foi morar na capital, Natal, para terminar os estudos no Colégio Imaculada Conceição. A moça se tornou técnica em comércio e queria cursar uma faculdade, mas precisou voltar para Currais Novos após a morte prematura da mãe. Por esse motivo, a primogênita ajudou o pai a criar os cinco irmãos e, ao mesmo tempo, movimentou a sociedade seridoense com suas ideias inovadoras.

Entre as ações de Maria do Céu está a fundação de uma escola de Ensino Fundamental, até então inexistente no município, onde a jovem ensinava francês. A veia jornalística herdada do pai, que era redator-chefe da revista literária mensal “Ninho das Letras”, fez a intelectual criar e dirigir o jornal “O Galvanópolis”, no qual escrevia artigos que exprimiam sua observação dos acontecimentos, educavam e formavam a opinião de seus leitores. A religiosa ainda participava dos eventos da igreja, organizava festas sociais, além de peças teatrais em uma cidade pequena da década de 1920. Genivaldo Barros tinha apenas quatro anos de idade quando foi ator em uma dessas encenações, mas ainda se lembra do episódio em que, todo molhado, era entregue à mocinha da história, vivida por Maria do Céu. “Se eu, na minha infância, participei envaidecido de uma peça dirigida por ela, é natural a minha admiração por essa mulher culta e independente dentro dos padrões de dignidade”, declara o médico.



Vivaldo e Olindina Pereira, pais de Maria do Céu

# Vida política

Após a Revolução de 1930, a currais-novense de apenas 20 anos aliou-se à secular tradição do Seridó em oposição ao movimento getulista. Nascia, a partir daí, uma personalidade com força política, que aparecia como proposta de renovação e transformação da sociedade. Foi com esse pensamento que o governador deposto, Juvenal Lamartine, e os demais membros do Partido Popular lançaram a candidatura de Maria do Céu para as eleições da Assembleia Constituinte Estadual de 1934. Apesar do perigoso conflito partidário da época, a moça atuou intensamente na campanha política com apoio do pai, Vivaldo Pereira, e do então noivo Aristófanes Fernandes. O jornalista Ticiano Duarte narra em seu livro “No Chão dos Perrés e Pelabuchos” que o momento era de uma batalha sangrenta, na qual os “pelabuchos”, seguidores de Mário Câmara e Café Filho, impunham terror para se manterem no poder, enquanto os “perrés” reagiam à altura diante das pressões dos revolucionários.

Obviamente, a única candidata mulher não ficou livre de ameaças durante a campanha, como ela própria relatou na entrevista concedida ao jornalista Luiz Gonzaga Cortez, em 1987: “por três vezes, entraram na minha casa para me sequestrar. Uma vez senti que um homem estava no banheiro e gritei. As pessoas que estavam em minha casa viram o homem pulando o muro e desaparecer”. Mesmo depois desses episódios, Maria do Céu sustentou a coragem e seguiu rumo à vitória, que a levou ao posto de primeira deputada estadual em âmbito local e nacional. O resultado das eleições, contudo, só piorou a tensão na vida política, pois o Partido Popular obteve maioria partidária e isso era extremamente importante para a escolha indireta do governador. Diante dessa

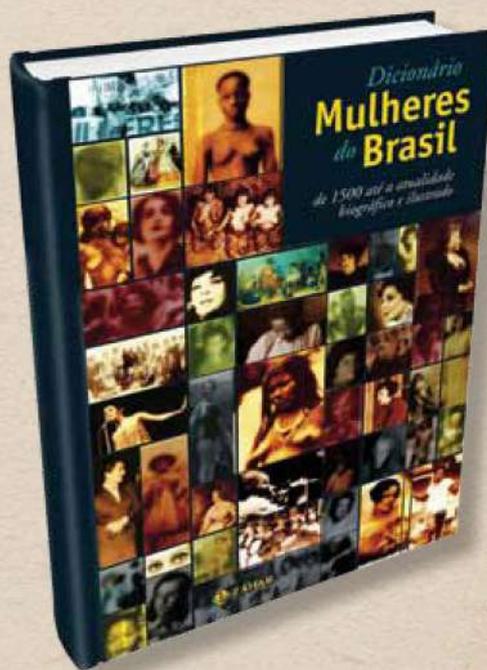


Maria do Céu aos 23 anos de idade, pouco antes de se tornar deputada estadual

ameaça ao poder, os opositores perseguiram os 11 deputados eleitos, inclusive Maria do Céu, que assim como os outros sofreu ameaças de morte por envenenamento. A situação ficou tão insustentável que o grupo precisou ir à Paraíba, onde permaneceu até o Superior Tribunal Eleitoral resolver a questão legal da eleição cujo resultado havia sido contestado.

Os parlamentares regressaram a Natal em maio de 1935, escoltados pelo Exército, e ficaram hospedados na casa do advogado Alberto Rosselli até o dia da votação indireta para governador. “Elegemos Rafael Fernandes por um voto de

maioria, foi uma vitória sofrida e bonita. Depois da votação, saímos do prédio da Assembleia para buscar o novo governador. No meio desse povo, eu era a única mulher”, disse Maria do Céu a Luiz Gonzaga Cortez. Ao cumprir o mandato, a deputada participou de momentos importantes, como a criação da Constituição do Estado, e acumulou intensa experiência política ao dividir o plenário com Djalma Marinho, Felipe Guerra, entre outras figuras memoráveis. O “Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade” reserva espaço para a potiguar e cita que ela se tornou símbolo da causa feminista, embora não questionasse os valores femininos na família. A parlamentar fazia palestras, realizava congressos no interior, defendia a participação política da mulher e frequentava todos os eventos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.



## Bravas mulheres pioneiras



Maria do Céu

Nas palavras do historiador Luís da Câmara Cascudo, Maria do Céu atuou “pondo com doce mão generosa uma gota de mel na face escancarada e feroz do leão correligionário”, enquanto para o jornalista Ticiano Duarte ela era “culta, de convicção, com uma visão moderna da vida, do país e do Estado”. O professor e intelectual ressalta o destaque das mulheres do Rio Grande do Norte na política nacional, afinal, foi em Mossoró onde a professora Celina Guimarães Viana representou o primeiro voto feminino, assim como em Lajes houve a eleição de Alzira Soriano, primeira prefeita mulher. Essas duas, somadas a Maria do Céu, mostram o interesse das potiguares em uma área até então dominada pelos homens que, aos poucos, dividiram a história política com o sexo oposto.

# Família e tragédias

Maria do Céu casou-se com Aristófanes Fernandes quando era deputada, em julho de 1935, e no ano seguinte deu à luz ao primeiro filho, Magnus Fernandes. Em novembro de 1937, teve a carreira política interrompida pelo golpe do Estado Novo, que manteve Getúlio Vargas na Presidência do País até 1945. Com o fim desse período e a redemocratização, Maria do Céu optou pela maternidade e, por isso, não regressou à vida política. Ela ainda concebeu mais três filhos: Olindina, Armando e Paulo de Tarso. Enquanto isso, o marido Aristófanes Fernandes iniciou uma carreira bem-sucedida em 1948, quando foi eleito prefeito de Santana do Matos, município da região Central do Estado, e posteriormente cumpriu mandatos de deputado estadual e deputado federal. Em casa, ele contava com uma esposa que o apoiava em todos os momentos da sua vida pública.

O caçula do casal, Paulo de Tarso Fernandes, recorda que quando havia debates na Câmara de Deputados, por exemplo, Aristófanes discutia antecipadamente com Maria do Céu e só partia para Brasília depois do ensaio. “Meu pai era menos letrado e tinha uma admiração imensa pela companheira, uma mulher inteligente que não fugia do debate político”, comenta Paulo, que se lembra da mãe com muito carinho pela maneira como ela agia e pensava. Segundo o filho, Maria do Céu possuía profundas convicções, era liberal com todas as pessoas, embora intransigente com erros. Muito religiosa e fiel à igreja, era um ser humano solidário, repudiava qualquer ato de discriminação e considerava a fidelidade no matrimônio igualitária entre homens e mulheres. “Minha mãe era uma pessoa com nível cultural acima da média para a época, mas não se vangloriava disso. Ao contrário, ela dizia que gostava de ser apenas um número”, orgulha-se.

A corajosa e valente Maria do Céu também passou por momentos difíceis, que levaram embora três pessoas muito queridas por ela. O primeiro foi o filho Armando, com apenas nove anos, vítima de um atropelamento em 1956. Três anos depois, o primogênito Magnus foi assassinado no dia 25 de dezembro. Essa



Dia do casamento de Maria do Céu e Aristófanes Fernandes em julho de 1935, na Fazenda Betânia, em Currais Novos

última perda mudou a vida de Maria do Céu, que, abalada pela tragédia, optou por morar no Rio de Janeiro com a família. Em 1965, morreu precocemente o marido, Aristófanes Fernandes, em pleno auge da carreira política. Depois disso, só restou Maria do Céu e os filhos Olindina e Paulo de Tarso. A primeira já era casada quando o pai faleceu, mas Paulo, ainda com 15 anos, continuou morando com a mãe no Rio de Janeiro, onde permaneceu até terminar os estudos. Anos depois, já advogado, ele voltou a Natal para retomar a carreira política da família e se tornou deputado estadual em 1979.

“Entre para a política com apoio da minha mãe e enquanto fui parlamentar ela participava de tudo: opinava, fazia recomendações, discutia e me lembrava de apoiar os amigos da família”, destaca Paulo, que prosseguiu na vida pública até 1990 e, com o consentimento de Maria do Céu, optou por não se candidatar mais. Durante todos esses anos, a ex-deputada continuou morando sozinha no Rio de Janeiro, mas era muito ligada às raízes e, por isso, sempre visitava a terra natal. O filho ressalta que Maria do Céu cultivava muito o con-

Festa social em Currais Novos, organizada por Maria do Céu. Na foto, ela é a última mulher sentada na ponta direita



vívio familiar e com os amigos, o que garantia a casa na Cidade Maravilhosa sempre cheia de potiguarês nos fins de semana. “A mesa é muito mais importante que a cama, afinal, na cama há dois, enquanto na mesa estão todos”, defendia a matriarca que “caçava” conterrâneos em meio à cidade que adotou para morar. Quando ia à feira, a senhora ficava extremamente feliz ao encontrar um trabalhador potiguar e, imediatamente, anotava o endereço da pessoa para visitar a família inteira.

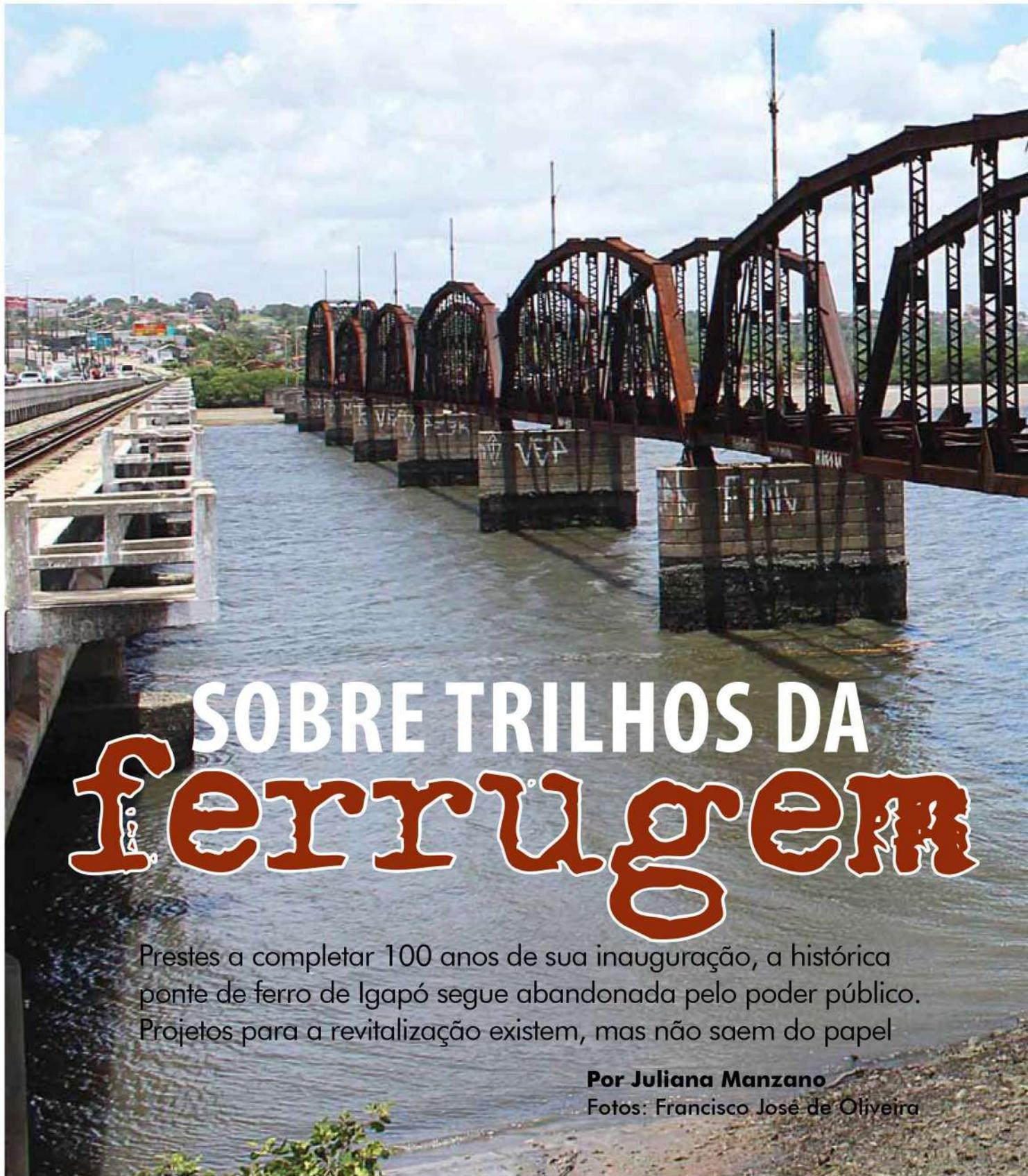
“Não gosto de rico, eu gosto de pobre. Rico não precisa do meu carinho, mas o pobre sim”, dizia Maria do Céu, que rotineiramente ia aos subúrbios cariocas em busca dos norte-rio-grandenses. Paulo de Tasso, admirador confesso da mãe, afirma que se espelha nesse exemplo de ser humano humilde e solidário. “Eu aprendi pouco, pois não consegui ser como ela. Porém, eu tento. Minha mãe tinha um amor enorme pelos filhos, sentia muito orgulho de nós. Sempre foi carinhosa e atenta com a família, pela qual abdicou da carreira política”, declara o caçula. Maria do Céu morreu no dia 09 de maio de 2001, aos 91 anos, absolutamente lúcida. Até os últimos dias, ela continuava trabalhando a mente através de livros e palavras cruzadas para alimentar a vontade incessante pelo conhecimento, anseio de toda uma vida que a tornou muito mais que apenas um número. Não por menos, Maria do Céu Fernandes entrou para a história do Rio Grande do Norte como uma mulher corajosa, moderna e inteligente, que será sempre lembrada e admirada pelas futuras gerações.



Maria do Céu (segunda da esquerda para a direita) com familiares



Registro da infância de Maria do Céu, menina atrás da cadeira, acompanhada de três irmãos



# SOBRE TRILHOS DA ferrugem

Prestes a completar 100 anos de sua inauguração, a histórica ponte de ferro de Igapó segue abandonada pelo poder público. Projetos para a revitalização existem, mas não saem do papel

**Por Juliana Manzano**

Fotos: Francisco José de Oliveira



**SEJA DE CARRO, DE** ônibus, de trem ou a pé, milhares de pessoas cruzam as águas escuras do Rio Potengi através da Ponte de Igapó, diariamente. Porém, poucas delas observam, ali ao lado, a existência de outra ponte, a metálica, abandonada pelo poder público e esquecida pelo seu povo. Uma ponte de difícil construção que resultou em vidas perdidas durante as obras.

Importante patrimônio arquitetôni-

co e histórico de Natal, a quase centenária Ponte de Ferro de Igapó - em referência ao bairro em que foi instalada - está com sua estrutura visivelmente desgastada. Diariamente pedaços da ferragem se desprendem e caem na água. Buracos nas colunas, ferros e vigas soltas são apenas algumas amostras do abandono e do perigo da primeira ponte a cruzar o rio que dá margem a tantos versos e prosas.



Construída em 1913, concluída em 1915, mas só inaugurada em abril de 1916, a ponte foi a primeira ligação física entre os dois lados do Rio Potengi. Com estrutura totalmente de ferro e 550 metros de extensão - com nove vãos de 50 metros e um de 70 -, sua função era permitir a passagem dos trens, facilitando o transporte entre a capital e o interior do Rio Grande do Norte, algo que até então só era possível ao atravessar

o Potengi por embarcações. Com a inauguração do equipamento, o progresso desembarcou no Estado pelos trilhos da ponte por meio da locomotiva Catita - que fez a viagem inaugural da ponte e marcou a engenharia no RN. Nas páginas ao lado, você pode ler sobre a Catita, na bela matéria de Marina Gadelha.

Em 1944, a necessidade do tráfego de veículos por aquele trecho aumentou e foi feita uma





precária adaptação com tábuas de madeira para transformar a ponte ferroviária em rodoviária também. Então, nos horários em que o trem não passava, uma mão era liberada para os veículos e a outra era fechada. Depois era feito o inverso, um trecho era interditado e o outro liberado. Já na década de 1950, quando o Brasil era presidido pelo potiguar Café Filho, ele liberou recursos para uma grande reforma no tabuleiro da ponte, de forma a

transformar o que era de madeira em metal.

Com isso, a ponte funcionou satisfatoriamente até meados dos anos de 1970, quando o crescimento urbano da zona Norte da capital resultou no alto tráfego de fluxo de veículos e foi construída uma segunda ponte, sendo esta de concreto e rodoferroviária. Com a nova ponte, a metálica foi desativada e, posteriormente, leiloadada.



Registro de quando a ponte era essencial à população potiguar. Ao redor, registros do abandono do monumento histórico, entregue à ferrugem



# Desmonte que não deu certo

O engenheiro civil Manoel Negreiros, que tem a ponte como objeto de estudo há quase 20 anos, ressalta a importância histórica do equipamento. “A ponte metálica é uma invenção maravilhosa, é o símbolo da revolução industrial. Temos que preservá-la porque ela é uma aula de história para nós engenheiros. A estrutura de concreto foi muito bem construída, mas a metálica nunca deram uma mão de tinta”, opina.

Para ele, o leilão foi um erro. “Leiloar a ponte foi o maior absurdo, mas foi uma decisão que veio de Brasília e, portanto, difícil impedir naquela época. Muitos engenheiros e arquitetos lastimaram, foram contra, mas quem podia ir contra uma decisão federal nos ‘anos de chumbo?’”, lembra Manoel Negreiros sobre o leilão realizado em 1972.

Segundo o engenheiro, a ponte foi arrematada por uma empresa de São Paulo que enviou um especialista para analisá-la e esta constatou que a retirada do aço causaria prejuízo. A ponte foi revendida para outra empresa, desta vez do Ceará, que, sem testes, decidiu começar a desmontar a estrutura metálica. “Quando já tinham retirado quatro vãos refizeram a conta e viram que estavam gastando mais para desmontar do que o que seria arrecadado com o preço do quilo do ferro velho vendido, aí abandonaram”, recorda Negreiros.



O engenheiro civil Manoel Negreiros estuda a ponte há quase 20 anos

A ponte de concreto por onde hoje passam milhares de veículos por dia foi concluída em 1970, mas uma terceira foi construída em 1988, juntando com a segunda e formando uma única ponte com 606 metros de extensão, quatro vias e uma linha férrea.

Já a moderna e imponente Ponte Newton Navarro, que atravessa o Rio Potengi a partir da Praia do Forte, foi inaugurada em 2007 com a finalidade de desobstruir o tráfego da Ponte de Igapó, aumentar o fluxo de turistas no litoral norte e melhorar o acesso dos moradores da zona Norte para os bairros do centro da cidade e outras zonas da capital. Mas ainda faltam os acessos e o cenário atualmente é um tanto precário.



# Mirante para o PÔR-DO-SOL

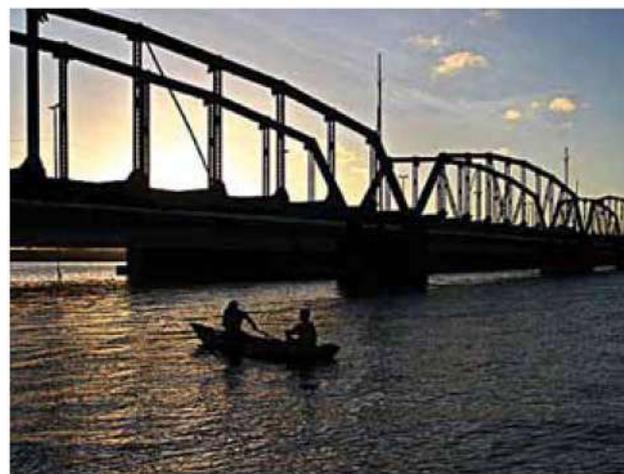
Arquiteto Ubarana Júnior elaborou o projeto “Museu Mirante do Potengi” para revitalizar a ponte e dar uma nova perspectiva

Não é por falta de sonhos e de projetos que a ponte de ferro, importante marco da história potiguar, ainda não foi revitalizada. Enquanto iniciativas permanecem empoeiradas, guardadas em gavetas, a população assiste a bela e histórica parte da revolução industrial cair em pedaços no sofrido Potengi.

Fruto do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o arquiteto Ubarana Júnior elaborou, em 2003, o projeto ‘Museu Mirante do Potengi’, para revitalizar a ponte e proporcionar uma nova utilidade para o espaço. A ideia é construir um museu com um mirante e um hall para apresentações culturais no final da ponte de ferro, no meio do rio. O projeto seria complementado com um passeio de trem que sairia da estação da Ribeira e chegaria ao museu, que teria sua visita completada por um passeio de barco saindo do píer do museu, visitando mais de 20 pontos turísticos nas margens do Potengi.

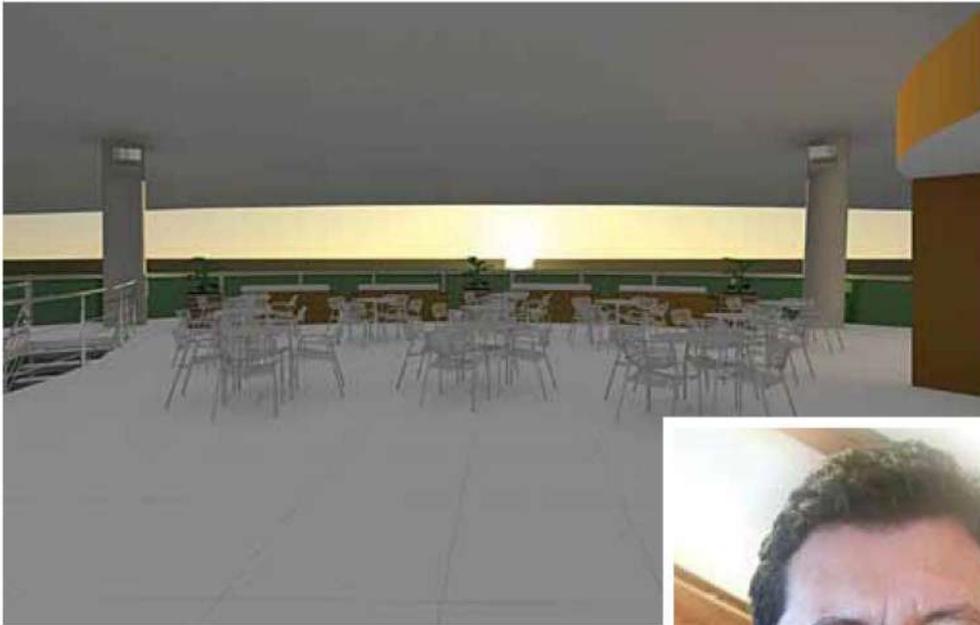
O projeto surgiu em uma conversa com o irmão Paulo Ubarana, quando Júnior estava próximo de concluir a graduação. “Eu estava para me formar e tinha ideias mirabolantes, mas conversando com

meu irmão ele me sugeriu que eu fizesse algo que pudesse se concretizar e contribuir com a cidade, e a ponte de ferro de Igapó foi a ideia que surgiu e comecei a pesquisar. Foi quando conheci Ricardo Tersuliano [do Instituto dos Amigos do Patrimônio Histórico e Artístico, Cultural e da Cidadania –IA-PHACC], que sempre quis colocar em ação o projeto com o retorno da locomotiva Catita para Natal”, recorda Ubarana Júnior.



Canindé Soares

Bela imagem com a mistura do natural e o urbano, sobre as águas do Rio Potengi



Ubarana Júnior,  
arquiteto

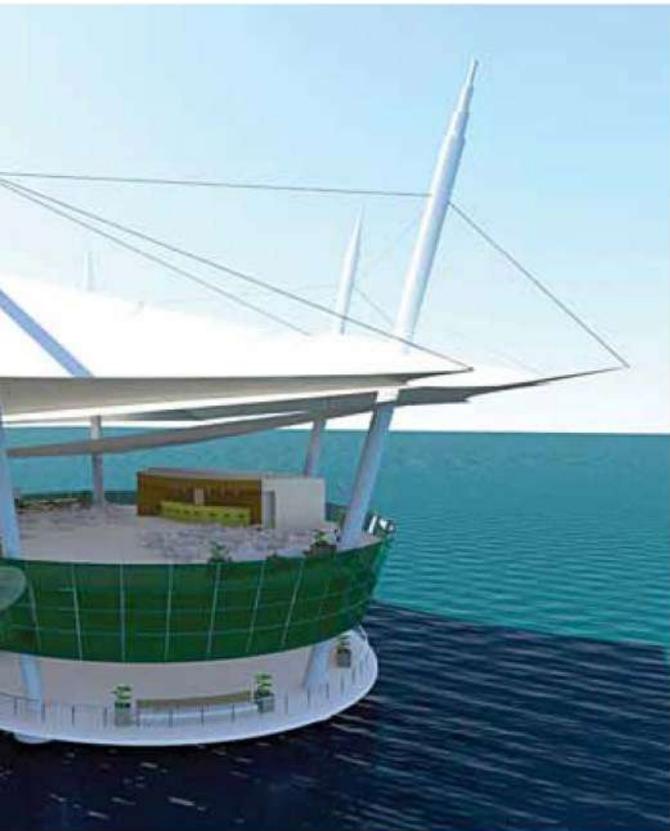
O mirante e o museu seriam mais atrações para complementar este projeto. “A história do mirante surgiu porque a vista e o pôr-do-sol ali são muito bonitos. Na altura da ponte, no andar do meio, seria um espaço meio lounge, bem versátil, um espaço multiuso, onde artistas poderiam expor, ter apresentação de dança folclórica, por exemplo. Na outra metade da planta, já que ela é circular, seria o museu voltado para o transporte ferroviário. O andar de cima seria o mirante por estar mais alto e no de baixo, ao nível do rio, seria um deck de madeira de onde partiriam os passeios de barco para visitação dos pontos turísticos”, explica o arquiteto.

Como o projeto foi elaborado há dez anos, alguns ajustes de funcionalidade teriam que ser feitos. Com o wifi, o cybercafé se tornou desnecessário, então, o espaço para a mostra foi reduzido, aumentado o do museu e criado outro para funcionar uma área administrativa. O acesso seria feito por escada ou plataforma elevatória.

Segundo Ubarana Júnior, várias lideranças chegaram a conhecer o projeto, porém, este não foi apresentado oficialmente ao prefeito Carlos Eduardo. “Sempre tive muita vontade de tirá-lo do papel. É um projeto meu, grande, e acho que seria um equipamento muito bacana, interessante para a cidade. Hoje não temos muitos lugares para ir em Natal e temos que pensar em nós, natalenses, também. Aqui em Natal, para quem tem fi-

lho principalmente, temos praticamente só praia, shoppings, Parque das Dunas e agora a Cidade da Criança, que reabriu. Acho que seria uma coisa diferente, uma vez que não temos nada parecido em Natal hoje para ter esse tipo de lazer”, considera.

Durante estes dez anos, o arquiteto diz que apesar de querer que o projeto aconteça perdeu um pouco a esperança de ver isso acontecer. “Nós tentamos muito, as pessoas dão a corda, mas não sai do lugar. Comecei a ver que não era fácil e meio que perdi a esperança. Precisamos de alguém que apadrinhe o projeto”, conclui. Enquanto projetos e iniciativas como estes permanecem empoeirados, guardados em gavetas, a população assiste a bela e histórica ponte de ferro ruir no combalido Potengi.



## Para servir como ponte

Para o pesquisador e engenheiro civil Manoel Negreiros, o projeto ideal é de reconstrução e restauração da ponte de ferro. “Meu sonho é fazer uma pesquisa no restante dos blocos de fundação para ver se realmente eles estão estáveis, recuperar os vãos metálicos que ainda existem e refazer os quatro que foram retirados. A ideia é transformar. Atualmente são duas vias para ir e duas para voltar na ponte de concreto de Igapó e poderíamos transformar em três para ir e três voltar. Além disso, poderíamos colocar os pedestres na ponte velha e fazer um tableiro metálico para se tornar útil com o tráfego de bicicletas e carrinho de pipoca, por exemplo. Imagino como ficaria lindo iluminar aquela ponte de lâmpadas no Natal”, sugere ele, que é contra a ideia de mirante.

Negreiros começou a estudar a parte técnica do concreto utilizado na ponte em 1996, enfocando no pilar nove, o último do lado da zona Sul. A pesquisa se transformou em um estudo de caso para o mestrado e agora o engenheiro está cursando o doutorado em Arquitetura, que será transformado em um livro. “O objetivo final será um livro configurado em torno de 300 páginas que deve ser lançado daqui a uns três anos”.

## Vão prestes a ruir

O abandono da ponte pelo poder público vai resultar na queda de um vão em, no máximo, um ano, segundo ele. “Ela foi abandonada pela Fundação José Augusto, que nunca colocou um prego lá. Desde 1970, ou seja, há 44 anos, que nunca deram uma mão de tinta. Só servia para pregar faixa, o que foi proibido depois que o Ministério Público moveu uma Ação Civil Pública obrigando o Estado, o Município e a empresa cearense a revitalizarem, mas não há o menor cuidado por parte do poder público e posso afirmar, com certeza, que o primeiro vão metálico da zona Sul para a Norte vai cair nos próximos meses ou, no máximo, um ano”, pontua Negreiros, contando que a construção da ponte no início do século XX foi difícil e teve vários acidentes com vítimas fatais durante a obra.



Consequências do abandono: parte do monumento prestes a ruir

# ALIANÇA

Fotos: Jovinho e nahorah.com

Miss Brasil 2009, a pedagoga Larissa Costa subiu ao altar para o sim ao empresário potiguar Leonardo Patriota, de frente para o mar, no belo cenário do Chaplin Recepções, na praia dos Artistas, em Natal. A noiva surgiu lindíssima num belo modelo do venezuelano Angel Sanchez, o mesmo que desenhou o vestido de noiva de Sandra Bullock e Eva Longoria. Leonardo entrou na companhia da filha Anita, que no dia completou oito anos.

Antes da cerimônia, a noiva enviou presentes com cartão de agradecimento aos padrinhos. Para as mulheres, pulseira da Tiffany & Co. com o símbolo do infinito; para os homens, gravata da marca Hugo Boss. Cerimônia cheia de surpresas, Larissa entra, às 17h, cantando em homenagem ao noivo a música Só Tinha de Ser Com Você, de Tom Jobim. A bela decoração ficou a cargo de Clodualdo Bahia. Ocasão com delícias impecáveis Nick Buffet.

Os noivos



Priscila Matias e Wagner Patriota, Juliana Patriota, Judilita e Dinarte Patriota



Os noivos recebem as bênçãos do padre Jorge Aquino



A noiva entre a mãe, Katia Oliveira, e a irmã Lorena Oliveira



Cristiane Queiroz e Guto Rodrigues, o colunista Jota Oliveira



Cláudia e Paulo Gallindo



Rubens Barros e Odete Guerra



Antonio e Anita Patriota, filhos do noivo, as daminhas Valentina Patriota e Rafaela Costa



Hilneth e Raphael Correia

# TÚNEL DO TEMPO

**Thiago Cavalcanti**

Fotos: Arquivo pessoal

Dançar na rua também valia. Os jovens da elite natalense incendiaram as ruas da cidade com seus blocos. As décadas de 70/80 foram antológicas para o carnaval de Natal. Os blocos Bakulejo, Jardim de Infância, Chefões, Ressaka, Puxa-saco e Saca Rolha reunia a turma dos bacanas. Em 1978, chegava a irreverente banda Gália, que aliava festa com crítica social. Os famosos assaltos aconteciam nas casas dos integrantes dos blocos e depois os pontos certos eram os clubes do ABC e América. Bons tempos!

PUBLICADA EM MARÇO DE 2014



Andréa e Renata Motta, Jota Oliveira, Vicente Freire e Iven Bezerra



Leonardo Flôr e Kátia Torquato



Luís Couto



Otávio Gacia, Danila Varela Barca e Marcelo Abdon



Lorena Galvão e Paulinho Freire



Toreba, Thaíza Barros e Leka Galvão



RUBENS MANOEL LEMOS FILHO  
Jornalista, ex-Secretário de Comunicação do  
Governo Rio Grande do Norte, do Tribunal  
de Justiça e da Assembleia Legislativa

# Na masmorra

**R**ubens Lemos Filho, jornalista desde 1988, trabalhou em redação como repórter e editor e foi Secretário de Comunicação do Governo Rio Grande do Norte, do Tribunal de Justiça e da Assembleia Legislativa.

É em prisão subterrânea, a medieval masmorra, que está preso e isolado o indigente futebol do Rio Grande do Norte. Com o máximo respeito ao Globo, time de Ceará-Mirim, ABC e América se debatem e esperam habeas corpus para o livramento do vexame maior dos 105 anos de vida dos dois.

O ABC teve sua liberdade negada por inaptidão própria, eliminado pelo Globo, no qual não conseguiu fazer dois gols de diferença na primeira fase de mata-mata, sistema eliminatório voraz em que vai passando quem consegue derrubar o outro até na emoção trágica dos pênaltis.

A Série D, masmorra onde pontifica o chicote do miserável nível técnico, de equipes caricatas e de jogadores dos anais da mediocridade, é o último degrau antes da queda ao vazio do mergulho de paraquedismo sem pára-quedas. Rumo ao nada.

Responsabilidade inteira dos próprios clubes, se livrando do patrimônio construído com esforço de décadas a fim de pagar dívidas trabalhistas com pernas de pau dispensados sem receber um tostão.

O calote também faz parte do cancionero da quarta divisão, onde há amontoados de 11 homens gordos típicos, personagens de peladas de solteiros versus casados.

O desfecho negativo e célere do futebol potiguar contradiz os momentos mágicos do falecido Estádio Machadão, por onde desfilaram os craques locais e artistas internacionais da estirpe de Pelé, Zico, Tostão, Romário, Riveli-

no, Roberto Dinamite, Nelinho toda a seleção bela e trágica de 1982. E Alberi, Rei do nosso futebol.

A destruição do Machadão por quatro partidas da Copa do Mundo de 2014 foi a martelada decisiva para a indigência gerencial e técnica dar o abraço de urso na bola potiguar, murcha e desencanta de maus-tratos. Em vez de legado, o delegado.

Culpar a Federação de Futebol tem sido a queixa corriqueira e esperta dos clubes. Federação não é caixa de assistência. A ela, cabe organizar campeonatos e representar o futebol nos gabinetes burocráticos. ABC e América jogaram fora, ao longo dos anos, a tradição que os sustentava.

É justa a tese segundo a qual, o futebol do Rio Grande do Norte, que já disputou desde 1972, várias vezes a Série A, mantém-se na Série D por não existir a E. ABC e América viraram motivo de chacota, gastam por conta em cabeças de bagre lamentáveis e iludem suas torcidas com triunfos enganosos.

Quem viu os anos de glória, viu. Quem não viu que engula o prato amargo do fracasso e do oportunismo - sobretudo do ABC - de se desfazer do seu patrimônio cada vez mais escasso, para bancar débitos feitos por dirigentes de muita bossa, invisível competência e máxima impunidade. O lixo das trampolinagens vai para debaixo do tapete verde.

Descemos ao calabouço e pagamos uma pena adequada. Futebol tem um quê de Código Penal: cometeu crime, que pague atrás das grades. A diferença é que na Justiça há instâncias e possibilidades de recursos protelatórios. No futebol, a pena é uma só e de morte. Morte por incapacidade crônica. E cínica.

*Petit*  
*Bougainville*  
*Condomínio Hotel*



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019  
Registro Notarial de Touros/RN

**Informações sobre o *Petit Condomínio***  
**84 3693.2027**

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000  
reservas@pousadaspadosamores.com.br

[www.pousadaspadosamores.com.br](http://www.pousadaspadosamores.com.br)



# Mais de 200 revistas por apenas R\$ 22,90/mês.



**GoRead** oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

**GoRead. As melhores revistas em um único app.**

EXPERIMENTE  
**30 DIAS GRÁTIS**

Acesse [goread.com.br](http://goread.com.br) ou baixe o aplicativo.

